JULIO DE CASTILHO

(2.º VISCONDE DE CASTILHO)

Tiragem:

5	*exemplares*	*em*	*papel*	*Whatman*	*(numerados*	*1 a 5)*
5	»	»	»	*Ingres*	(»	*6 a 10)*
20	»	»	»	*de linho*	(»	*11 a 30)*
500	»	»	»	*commum.*		

Composto e impresso na Typ. da Empresa Diario de Noticias
Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

In Memoriam

JULIO DE CASTILHO

(2.º VISCONDE DE CASTILHO)

LISBOA
1920

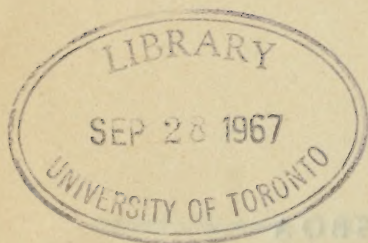
.... á gloria d'elle
deves hoje a saudade, e os sons da lyra.
Se as cinzas sentem, sentirão as suas
na tua voz balsamicos orvalhos.

(*Epistola a Francilia.* A. F. de Castilho.)

O talento, que brilha, allumia e aquece, é fogo, e o poeta de coração é como o facho temperado de resinas aromaticas, e acceso no meio do Templo grande faz ver muitas maravilhas; levanta com seus mysticos perfumes os pensamentos; patenteia o que quer que seja da Divindade; ajuda e encaminha as creaturas para as altas veredas espirituaes; mas, ardendo para tão santos e proveitosos fins, a si mesmo se consome e se dissipa.

(*Elogio historico de Aug. Fred. de Castilho.* A. F. de Castilho.)

As almas grandes vivem mais nas suas obras que no papel, e a pedra onde se lhes esculpe o nome é o coração.

(D. Antonio da Costa.)

Ultima photographia do Visconde de Castilho (Julio) tirada em Setembro de 1916, na Quinta de Sant'Anna, na Ameixoeira, por Miguel Trancoso.

AOS LEITORES D'ESTE «IN MEMORIAM»

«Tenham-me sempre no coração, e nada mais peço».

Foram estas palavras que Julio de Castilho, nas suas ultimas disposições, dirige aos seus amigos, palavras que na sua singeleza tão bem definem os extremos da sua amizade, sempre prompta a qualquer sacrificio para ser agradavel, sempre receiosa de causar qualquer incommodo, que me despertaram a ideia da organisação d'este livro.

Tem elle apenas por fim, reunindo aqui os escriptos com que alguns dos seus amigos e admiradores n'elle quizeram collaborar e intercalando alguns documentos que intimamente se ligam a esta inconfundivel figura, prestar uma sentida homenagem á, para sempre, saudosa memoria d'aquelle que foi o segundo Visconde de Castilho, nome que desde muito novo fui ensinado a pronunciar com a maior veneração, e com quem, desde 1897, tive

a felicidade de conviver distinguindo-me e aos meus com a mais carinhosa familiaridade.

Não pretendo, por forma alguma, enfileirar junto dos authorizados nomes que se dignaram de prestar o seu brilhante concurso a esta homenagem de amigos, para os quaes vae, n'este momento, a minha mais sincera gratidão pela maneira affectuosa como acolheram o meu pedido, acolhimento decerto devido á inolvidavel memoria que invoquei.

Do seu caracter da mais fina tempera, da inexcedivel veneração pela memoria do seu glorioso Pae, da sua personalidade como escriptor, historiador, investigador, archeologo e poeta, e das suas manifestações artisticas na modelação, na pintura a aguarela, a oleo e sobretudo no desenho á penna, manifestações que comprovam a sua alma de verdadeiro artista, e até como calligrapho, merecimento que, Elle, na sua sincera modestia, dizia, ser o unico de que podia orgulhar-se, pessoas competentes decerto se occuparão.

Desejei apenas, com estas linhas, explicar a razão de ser d'este livro — rosario de enternecidas saudades e suaves recordações.

Recordações...... e uma ficará, para sempre, gravada na minha memoria! A de, n'aquelle pequeno cemiterio do Lumiar, n'uma manhã humida e triste, ao ser o seu corpo lançado á terra, ter o destino escolhido que fossem as minhas mãos que

collocassem sobre o seu gelado coração o retrato d'aquelle que, durante toda a sua vida jamais de lá sahira, ficando unidas debaixo da terra essas duas grandes figuras, cujas almas, sobre ella, jamais se haviam separado!

E ligando, ainda uma vez, o nome de Julio de Castilho ao d'aquelle, a quem sempre, tão elevado culto consagrou, e pelo muito reconhecimento á consideração que Elle manifestou sempre, e de que conservo provas, pela honrada memoria de meu Pae, que tambem, infelizmente, como Antonio Feliciano de Castilho, soube avaliar as amarguras da privação da luz dos olhos, será destinado o producto da venda d'este livro ao Asylo dos Cegos, que tem o nome d'este grande vulto da literatura portugueza, e ao qual Elle tambem dedicava um especial affecto.

E, agora, começarei a desfolhar sobre o seu nome as flôres que os seus amigos lhe enviaram, já que, respeitando o seu ultimo desejo, sobre a sua humilde sepultura o não poderam fazer.

Lisboa, 30 de Abril de 1919.

Miguel Trancoso.

NOTA. — Para a inserção dos diversos artigos n'este livro foi adoptada a ordem por que foram recebidos, tendo sido respeitada a orthographia dos respectivos auctores.

M. T.

In Memoriam

E AGÓRA?...

(PARA O «IN MEMORIAM» DO SENHOR VISCONDE DE CASTILHO II)

FALLEM do Sabio os Sabios. Os Lettrados
da penna no manejo mais versados,
escrêvam do Escriptor.
Contem do Santo as mysticas bondades
todas as almas que hoje entre saudades
vêm tributar-lhe amor.

EU, no meu nada, quando um Poeta morre,
ao ver ruir do seu enlêvo a torre
alcandoráda em sóes,
viuvas d'esse culto as coisas bellas,
só sei dizer maguada:
— E agora, Estrellas?
— E agora, Rouxinoes?...

....

Março 1919.

BRANCA DE GONTA COLAÇO.

DE CORPO Á TERRA!

Á memória do Grande Morto Visconde de Castilho.

Assim quiz e assim foi, lançado à terra!

Embrulhado n'um varino, coberto com a alva frescura de um lençol de linho, para sempre a Terra recebeu o corpo de um Sábio, o corpo de um Bom, que na Terra só bem tinha espalhado!

Assim quiz.... que a sua vida grande e modesta acabasse no catre de ferro onde as noites de vigilia lhe dictaram a Obra que deixou na Terra, onde soffreu as mais desilludidas e amargas horas de solidão!

Assim quiz.... que a Terra amiga que floria e se esmaltava de verde para os seus olhos de artista guardasse o seu corpo, o seu corpo que soffreu na terra porque n'ella amou!

Assim quiz.... que olhos humanos não vissem mais a serenidade do seu somno eterno, a alva

brancura dos seus cabellos de prata logo que a sua alma justa e bôa se desprendeu da Terra chamada por Deus á sua presença Divina!

Assim quiz!

E a Terra Mãe, a Terra amiga a quem deu o seu corpo em troca de todas as arvores que ella tinha dado aos seus olhos de artista, saberá transformar em flores os seus restos mortaes....

E Deus, que viu atravez a alva frescura do lençol de linho a serenidade do seu somno eterno julgou por elle a bondade da sua alma, e a deixou seguir atraz da luz irradiante do seu rasto, pelo infinito eterno, eternamente!...

Março de 1919.

MARIA MAGDALENA.

SAUDADE

Beati mortui qui in Domino moriuntur.

S. João.

Das nossas almas enlutadas, saudosas do Amigo raro que perdemos, desprenda-se uma delicada flor de sentimento e assim lhe enfeitaremos a campa, que Elle quiz tão humilde, a terra onde o seu dormir é tranquillo na paz do Senhor.

Foi n'um dia chuvoso, agreste e frio, que o acompanhámos ao campo triste dos mortos. Nuvens grossas, cinzentas, iam pelo céo fóra no esfarrapar do vento. Choravam as coisas, opprimiam-nos justos receios, maguava-nos a saudade do bom Amigo que nos deixára. A infinita desolação da hora que passava, a braveza do temporal, que nos sacudia desapiedadamente, enfraqueciam as nossas energias. Tudo nos infundia amarga tristeza e nos afundava na dor.

Com que extremo desanimo, com que desgosto

voltariamos a passar por defronte da pequena casa, no quieto largo, que as flôres e ramarias do parque próximo ensombram e perfumam, se nunca mais encontrariamos o paciente Amigo, que nos acolhia sorrindo, e nos aconselhava com tanta bondade e saber!

Tudo nos entristecia e quasi que nem a esperança conseguiamos abraçar, tão acerba melancholia nos acabrunhava, n'aquelle arripiado dia de fevereiro.

Pequeno espaço separava o logar onde vivêra, do outro onde iria esperar a Ressurreição final.

Triste era o desfile no cemiterio novo, desalinhavado, sem arvoredo nem flores.

Devem ter muitas arvores os cemiterios!

Cada raiz levando a vida atravez da terra, é como uma caricia quente no frio do inverno, no gelo da morte. Cada folha, junta a outra folha, é como um fino *velarium* a proteger da estiagem ardente, um desenho caprichoso a ornamentar as campas.

Quizera que ninguem o acompanhasse, Elle, que tanto presava a companhia dos amigos. Exagero da simplicidade da sua alma! Receava incommodar, quando a Elle nunca ninguem o incommodava! E quantas vezes seria importuno o amigo que lhe transpunha a porta?

Dias de natural cançaço em quem tanto trabalhára, de doença que, hora a hora, lhe destruia o

organismo, e no emtanto, sempre com o mesmo gesto affectuoso nos recebia.

E então uma história interessante e bem contada ou a recitação aprimorada d'alguma linda poesia, vinham distrair, encantar, o visitante que ali esquecia os dissabores e os aborrecimentos da vida.

Não era uma velhice inactiva a sua, bem pelo contrario, era antes um labor continuo!

Pelo exemplo animava, pela energia da palavra dava coragem aos fracos.

Muito lhe deve a Patría e muito lhe deve, em especial, a cidade de Lisboa.

Levados por Julio de Castilho podemos atravessar a «Lisboa Antiga», passear ao longo da «Rua Nova», como os elegantes do seculo XVI.

Com Elle podemos subir aos eirados dos alcaçares da velha côrte ou descer á «Ribeira» tumultuosa, de onde as galés de El-rei partiam para o desconhecido, apenas com a fé e o valor que leva os heroes, e voltavam cobertas de gloria, deslizando airosas sobre as aguas do Tejo, as vellas a branquejar no azul do céu!

No impulso da sua vontade intelligente todo o Passado nos apparece, á luz dos modernos tempos, n'uma clara visão, interessante, movimentada.

A' investigação historica, cuidada em extremo, a um amor desvelado pelas figuras que lhe mereciam a evocação, devemos o prazer, que experimentamos, de travar conhecimento com uma sociedade

tão nossa, tão profundamente portugueza, ou seja ella requintada e cheia de ademanes nos salões doirados dos antigos palacios, ou barulhenta, simples e desataviada, nas ruas estreitas da capital.

Não era Julio de Castilho apenas o archeologo paciente excavando ruinas, era tambem o artista, que as animava, dando-lhes vida e côr; o poeta que comprehende o sentir d'aquelles que ha tantos seculos dormem sob as pedras benzidas dos Templos e escuta as vozes longinquas dos sinos conventuaes nas manhãs idas do Passado.

Toda a sua obra, vasta e erudita, é uma homenagem á terra que teve a honra de o ver nascer.

Deus, Patria e um amor filial merecido, e digno do seu orgulho, foram a preoccupação constante de toda a sua vida, de todo o seu pensar.

Amarga saudade nos feriu n'aquella manhã de inverno, chuvosa, agreste e fria! Mas para que chorar como os que não teem crenças nem Fé?

Entre os lamentos da ventania, no prantear das nuvens, no escuro sombrio do céo tempestuoso, prepara a Natureza o renascimento da primavera. Já estremece a terra presentindo a doce alvorada proxima, já corre veloz a seiva nos troncos rugosos, já despontam os relvedos, onde pequeninas flores, hão-de, em breve, sorrir na maravilha da forma, na lindeza da côr.

Estrellas de oiro, luzeiros das noites estivaes,

agora encobertas, lá esperam que os densos nevoeiros desçam aos prados, transformando-se em regatos cantantes, entre as verduras.

A natureza, forte, admiravel e calma, segue o caminho que Deus lhe traçou. Envolta em véus luctuosos trabalha nos bellos esmaltes das campinas, esconde, no rumor da tempestade, o fremito que lhe rumoreja nos flancos creadores.

Que as nossas flores de saudade tambem cresçam entre as verduras da esperança, que as nossas lagrimas se convertam em luminoso orvalho que irise a ultima jazida do nosso sempre lembrado Amigo.

Tudo renasce! A morte do Justo é apenas um somno mais longo, mais reparador.

Deixai-O descançar e confiemos em Deus, esperando esse mysterioso Além que a Fé nos mostra infinitamente suave, eternamente feliz.

A Julio de Castilho a nossa homenagem singella, a mais grata e fervorosa lembrança, o nosso preito de admiração e saudade.

Lumiar, Abril de 1919.

Maria da Conceição de Mello
da Nobrega Araujo.

CASTILHO

De que a Natureza repelle a igualdade, é Castilho exemplo bem comprovativo; n'elle foram acumuladas faculdades e dons tão variados e tão raros, que bastariam para enriquecer muitos individuos.

Teve o talento de escriptor, que o foi e de primeira linha, como poeta, historiador, romancista, sociologo e antiquario, talento de artista nas artes plasticas e na musica, pois desenhava, pintava, gravava e esculpia distinctissimamente ao mesmo tempo que o seu fino e delicado ouvido o fazia apreciar, sentir e interpretar toda a boa musica emquanto que sabia tambem ser orador correcto e colorido, prendendo e subjugando o seu auditorio. E tanta superioridade abrigava-se n'uma esbelta e mascula figura de supremo garbo senhoril.

Se teve nos talentos, a opulencia, a pujança, a espontaneidade e o vigor de algumas figuras sele-

ctas da Renascença, na alma que foi a de um Cruzado, teve a fé e as virtudes sublimadas de um verdadeiro Christão.

Abril, 1919.

MARIA JOSÉ DE AZEREDO TEIXEIRA
DE AGUILAR.

INVISIVEL, MAS NÃO AUSENTE

Grande e imperdoavel ousadia é vir alguem, que nunca na sua vida escreveu uma linha sequer, juntar aqui o seu nome obscuro a nomes illustres e de tão reconhecido valor.

Tão grande e imperdoavel, que a tanto me não queria atrever; e se, apezar dos meus justificadissimos receios, a tamanha ousadia me afoito, é que ouço vozes amigas que a ella me animam e me incitam, e mais que todas, a de um dos maiores amigos d'Aquelle a quem todos aqui veem recordar com a mais pungente saudade, que, ausente agora da nossa terra, n'ella viveu longos annos e como a segunda patria lhe quer; que, de longe, aqui vem prestar ao amigo para sempre desapparecido a sentida homenagem do seu affecto e, de longe, com a força da sua já longa amizade, me aponta como um dever inilludivel o vir acompanhar esta piedosa romaria á sepultura d'um dos maiores vultos que

nos ultimos annos tem glorificado o nome de Portugal; romaria esta que nos diz a verdade d'aquellas lindas e consoladoras palavras de Victor Hugo: *«Les morts sont les invisibles, ils ne sont pas les absents»*.

Invisiveis, sim, aos nossos olhos que não mais os poderão enxergar; mas não ausentes do coração d'aquelles que em vida os amaram.

E se nós sentimos serem estas palavras uma verdade para todos os entes queridos que nos vão, a pouco e pouco, abandonando no caminho da vida, como não as sentiremos nós uma realidade para Aquelle, cujas rarissimas qualidades de espirito, cujas variadas manifestações de talento, formavam uma personalidade unica e incomparavel!

Poeta e artista na mais alta accepção da palavra, alma de eleição que, se foi estimado e admirado por todos que com elle privavam, atravessou comtudo a vida incomprehendido pelo maior numero; figura de inexcedivel nobreza de sentimentos, d'um cavalheirismo d'outros tempos, vivendo como que exilado nos tempos d'hoje, tão distantes, tão outros, d'aquellas eras remotas de tradição e poesia que Elle nas suas obras se deliciava em fazer reviver; figura inconfundivel, para a qual parece ter sido feita, tanto ella condiz com a sua maneira de ser e de sentir, a phrase — *chevalier sans peur et sans reproche* — que, n'um dos capitulos d'aquella encantadora *Lis-*

bôa triste, onde, com tanta verdade o soube desenhar, lhe applica um dos mais talentosos e delicados espiritos femininos d'hoje em dia; espirito que bem soube comprehendel-o e a quem elle dedicava a mais affectuosa admiração.

Não se foge a um dever, tanto mais quando esse dever corresponde ao sentir da nossa alma. Cumprirei pois este dever de admiração, de amizade e de gratidão.

De admiração, pela sua grandeza moral; de gratidão, e da maior, pela estima e confiança que sempre me testemunhou, e pela profunda, lealissima e nunca desmentida affeição que dedicou a todos os meus, em especial a meu Pae, encarcerado nos ultimos annos da sua vida na tristissima prisão da cegueira. Consagrava-lhe quasi diariamente algumas horas, apparecendo-nos, as mais das vezes, á tarde; e enternecia vêr a forma carinhosa, por assim dizer fraternal, com que sempre o tratava; lia-lhe trechos que escolhia nas obras que mais o poderiam interessar; distrahia-o com a sua conversação cheia de côr, onde havia sempre um ensinamento, onde, quantas vezes, scintillavam ditos de espirito; recitava, como Elle sabia recitar, as melhores composições de seu pae, de Victor Hugo, de muitos outros, e quando instado por nós, versos seus.

Quantas paginas lhe não ouvimos nós ler das «*Memorias de Castilho*», obra que Elle escreveu

com o melhor da sua alma — se ella é um verdadeiro monumento erguido por Elle a memoria venerada de seu pae! Paginas cheias de interesse e que pena é serem conhecidas por bem poucos ainda; não representam só a vida d'aquelle grande vulto das lettras do seculo passado, nem o viver d'uma familia apenas; são um quadro da vida de toda uma epocha, em que vemos perpassar as principaes figuras d'aquelles dias.

Quantas vezes lhe não pedimos para nos dizer aquella lindissima *Xácara da Nazareth*, o *Serão na Alcaçova* e quantas composições de autores diversos que elle tinha gravadas na sua bellissima memoria!

E ao ouvil-o conversar ou recitar ninguem se lembrava dos seus cabellos brancos, tão extraordinaria era a sua memoria, tão novo o seu espirito, prompto sempre ao enthusiasmo por tudo o que era bello e grande.

Como nos parece estar ainda a vel-o e a ouvil-o, ali, na estreita varanda junto á ermida, que a madresilva e a parreira ensombram; ou no terraço, em frente aos montes longinquos, por Elle tantas vezes percorridos nos seus passeios solitarios, embrenhado nos seus devaneios d'artista, sentando-se aqui a gosar um ponto de vista, parando mais além a admirar um effeito de luz; evocando — quem sabe? — a sua vida passada; relembrando a felici-

dade fugitiva, quasi entrevista apenas, da sua já distante mocidade; pranteando a amargura, que bem cêdo lhe toldou a existencia de nuvens sombrias, e que elle soube vencer e afundar no seu incessante labor e na sua profunda Fé christã.

Trabalhava muito, demais ás vezes, como se assim quizesse acalmar a tristeza que lhe ia n'alma, e que por vezes deixava entrever n'aquelle seu olhar tão claro e leal em que transparecia toda a belleza do seu coração.

E quanto Elle trabalhou dizem-n'o bem alto as *Memorias de Castilho, a Lisboa Antiga,* os seus outros livros em prosa e verso, os seus albuns, as varias obras e apontamentos que deixou ineditos, e ha poucos annos ainda, a reedição da vastissima obra de seu pae, toda ela copiada revista e annotada pela sua propria mão, o que representa um trabalho immenso, a que elle se dedicou com todo o ardor do seu entranhado amor filial.

«*Les morts sont les invisibles, ils ne sont pas les absents*».

Invisivel sim, mas não ausente — porque elle viverá, para todo o sempre n'aquella casa do Lumiar que povoou com todas as suas visões de poeta, onde tanto trabalhou e tanto padeceu; n'aquelle vasto e silencioso largo do cruzeiro, que tantas vezes o viu passar em vida, e que na morte, mais uma vez quiz atravessar a caminho do cemiterio

onde os seus amigos o foram deixar n'aquella manhã de desolação, aspera e fria.

Elle viverá para todo o sempre n'esta Lisboa tão sua, a que tanto d'alma queria, na Patria estremecida que muito honrou.

Viverá sempre na sua obra tão variada, no espirito dos que estudam, dos que como Elle amam as tradições e as crenças, dos que sentem a arte e a belleza nas suas multiplas expressões.

E viverá sempre, mais do que em parte alguma, no coração de todos os amigos que o souberam comprehender e amar, e que, em espirito, revêem agora com infinda saudade as horas bellas e serenas, que nunca mais volverão, passadas junto d'Elle n'aquelle seu ultimo ermiterio, tranquillo e calmo, longe do tumultuar do mundo, onde jamais lograram entrar os interesses vis e as paixões mesquinhas — emmudeciam ao transpôr os humbraes d'aquella casa, onde só reinava o culto do Bom e do Bello.

Recordam-n'as agora com um mixto de prazer e de dôr; de prazer, sim, porque recordal-as é fazel-as viver ainda, e eu não creio, como o Dante, que torne mais funda a amargura o rememorar os tempos felizes nas horas de tristeza; não é esta recordação como que um pallido raio de luz illuminando as trevas do nosso horizonte?

Invisivel pois, mas não ausente.

Grande e imperdoavel ousadia a minha; mas não me será perdoado o vir juntar a mais singela flôr a este braçado de saudades? Não se encontram muitas vezes os mais illustres, hombro a hombro, com os mais obscuros, entre os que vão em romaria de tristeza prestar homenagem áquelles que a morte arrebatou? Vão uns e outros levados no mesmo impulso de saudade e de dôr.

Entre as formosas corôas que mãos de ternura e piedade vão collocar sobre o ataúde d'aquelles que amaram pelas suas virtudes, que admiraram pelo seu caracter ou pelo valor das suas obras, não se vêem muitas vezes algumas pobres flôres soltas, sem um laço a prendel-as, sem ás vezes um nome sequer a dizer-nos quem ali as foi deixar em tributo de admiração e saudade? Representam, umas e outras, a mesma veneração a mesma magua.

E n'esta sentida romagem, que me atrevo a vir acompanhar, serei eu portanto o romeiro anonymo, perdido entre a multidão, e que nada mais pode senão trazer esta simples flôr agreste, colhida talvez n'algum d'aquelles caminhos campestres onde tanto lhe aprazia divagar, pelas radiosas manhãs em que a primavera inebriava o ambiente com os seus perfumes, ou na doce melancolia das tardes outonaes, que tanto fallavam á sua alma ardente de sonhador.

Seja, pois, perdoada ao mais obscuro dos romei-

ros a ousadia de vir reunir esta pallida flôr do vallado ao montão de preciosas e perfumadas flôres que romeiros illustres veem depôr sobre a campa d'Aquelle que, em vida, se chamou Julio de Castilho.

Não tem, como ellas, perfume e côr; mas, como ellas, symbolisa veneração e saudade.

Ameixoeira, 1919.

JOANNA TRANCOSO.

IN MEMORIAM

Palavras proferidas, em 10 de fevereiro de 1919, dia do funeral de Júlio de Castilho, segundo Visconde de Castilho, em sessão de Assembleia geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Esta reunião, que hoje se effectua, foi convocada para se tomarem deliberações que, conforme a letra dos avisos, constituem a ordem da noite, uma das quaes compreende o indeclinavel dever de uma justa homenagem. Certamente, porem, terei na assembleia assentimento para, antes de se iniciarem os trabalhos preparatórios de tais deliberações, trazer ao consenso unânime de V. Ex.cias o comemorar de um acontecimento para o qual hoje nos sentimos dolorosamente atraídos, acontecimento que a todos punge, que a todos comove, que a todos atingiu: a morte de Júlio de Castilho.

Fomos hoje leval-o — nós, os seus amigos, os

seus discípulos, os seus admiradores — a um humilde coval, agora dignificado; e lá o deixámos ao contacto da terra a que ele, despojado das vaidades que sempre engeitou e o tornaram maior ainda a nossos olhos, quis entregar o seu cadaver sem que sequer as táboas de um caixão lhe demorassem esse amplexo.

Júlio de Castilho, segundo Visconde de Castilho, herdeiro de um nome que mesmo para quem não enveredasse pelas letras era de per si uma tremenda responsabilidade, não só honrou essa linhagem privilegiada, fez mais do que isso, accrescentou-lhe novos brilhos. Bastariam as «Memorias de Castilho» para o seu labor literario não desmerecer da assombrosa obra do ilustre progenitor, enchendo-a d'aquela ternura filial, d'aquele culto íntimo pelo pai — que era quasi uma religiosidade — e que, para os que com ele privavam, documentava tão exuberantemente os primores do seu coração, a elevação do seu espírito, a grandeza do seu caracter!

De Castilho não se pode empregar o logar commum de dizer: morreu um homem de bem — porque a bondade n'ele atingia uma tão alta expressão de ternura e tão subtilizada fôra pelo infortúnio, que essa simples frase se me afigura, por barateada, imprópria de se lhe aplicar.

De Castilho, com o não ser da sua época, com

ímpetos de cavalheirismo, humildades de christão de outros tempos menos inçados de desânimos e e de dúvidas, entusiasmos de poeta com que o olhar lhe fuzilava e a fisionomia remoçava, melhormente se diria:

Morreu um santo homem!

Quem, como eu, teve a felicidade de usufruir a sua convivência (e tantos dos seus amigos e alguns dos seus íntimos vejo aqui) sente-se forçosamente comovido perante a enormidade da sua morte.

Com Júlio de Castilho perdeu a Pátria um dos seus filhos mais ilustres, perdeu-se o poeta-artista das «Manuelinas», perdeu-se o elegante e luzitanissimo escriptor, o erudito comentador de «Os Dois Plinios», o enternecido autor das «Memorias», o gentilissimo evocador da «Mocidade de Gil Vicente» e dos «Amores de Vieira Lusitano», o cantor da «Lisboa Antiga», a sua obra primacial, a sua corôa de glória e a mais soberba produção da sua pena que criou, dentro da arqueologia, um novo género literário, florindo a aridez do assunto, com os ritmos da poesia, com as elegâncias da forma e com os primores do estilo.

Júlio de Castilho abriu, na parede mestra do indifferentismo nacional, esse largo vão por onde os curiosos, pela primeira vez, espreitaram o passado da nossa cidade, até aí apenas entrevisto nas pro-

sas de Herculano, de Vilhena Barbosa, de Silva Túlio e de poucos mais.

Cabe-lhe essa honra e essa glória.

Os outros que lhe seguiram o exemplo, e entre os quais modestamente me conto, mais trabalho não tiveram do que passar por esse espaço rasgado pela sua pena ilustre e apontar aos outros os pontos de vista que ele não teve tempo de indicar no deslumbramento da visão de momento. A ele tudo devemos. E por mim falo.

Júlio de Castilho ensinou-me a trabalhar, e comigo quantos aproveitaram com a sua lição! Cada visita à sua residência do Lumiar, hoje tão cheia já da sua memória, foi, muita vez, para mim mais proveitosa do que a fatigante consulta dos livros. O que a gente vinha de lá sabendo! Quantos conselhos! quantos ensinamentos! quantos exemplos!

Devo-lhe o pouco que sou, com a satisfação de ter sido seu discípulo; e considero o maior prémio aos meus trabalhos realisados, no vasto campo onde o grande morto alicerçou a «Lisboa Antiga», a sua carta de parabem, sincera, entusiástica, amoravel, quasi filial, onde todavia apreciei mais os conselhos do que os louvores, e melhor o anotar das deficiências do que o apontar de algumas passagens menos infelizes.

E' por todos estes motivos que, comovidamente, trago á assembleia a comemoração da sua morte,

e a V. Ex.[cias] venho propôr se lance na nossa acta a menção do mais sentido pesar pela perda do nosso chorado consócio, do grande cidadão, do grande escriptor, do grande caracter que foi o segundo Visconde de Castilho.

Desejaria que a fórmula banal do voto de sentimento se substituisse, como se isso o pudesse extremar perante o nosso próprio sentimento; mas não me occorrendo outra, apego-me ao tradicional uso das manifestações associativas d'este género. V. Ex.[as] entendem decerto a minha intenção, e como é de prever que a nossa acção colectiva não fique por aqui, e que este maguado incidente nos leve a reunir ainda, estou em crer que a Associação dos Arqueólogos Portugueses, enlutada com a morte de um dos seus mais notaveis agremiados, dará de futuro outras provas do cuidado que lhe deve merecer a sua memória, diligenciando que a sua colecção olissiponense se não disperse, diminuindo-se de valor, que os seus valiosos apontamentos possam constituir património de todos os estudiosos, e que essa simpática, atraente e hospitaleira casinha do Lumiar, onde arrancou da vida o cantor da nossa querida Lisboa, se dignifique com uma lápide.

É o que tenho a honra, n'este angustioso ensejo, de propôr a V. Ex.[as].

MATOS SEQUEIRA.

JULIO DE CASTILHO ESTUDANTE NO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS

Cincoenta e septe annos vão quasi decorridos. E todavia... lembro-me como se fôra hoje.

Era aos 17 de Maio de 1862: — uma noite de risonha primavera, noite de céo azul em luminoso plenilunio.

E nessa noite, ás oito horas e meia, penetrava eu no recinto em que se realizavam as prelecções do Curso Superior de Lettras, e onde se notava de recente data, presidindo no topo da sala, um retrato que no anno precedente ainda alli não figurava, porquanto, em vez d'esse quadro, era habitualmente a presença do respectivo original que os circunstantes lá costumavam contemplar imbevecidos.

Refiro-me ao retrato d'El-Rei D. Pedro V (fallecido seis mezes antes), — retrato que um talentoso alumno do Curso (D. Luiz Breton y Vedra) tinha

com muita felicidade pintado a oleo, e que os seus companheiros d'aula haviam ricamente immoldurado, consagrando todos por esse modo um testemunho de saudade á memoria do augusto Fundador d'aquelle instituto.

Intrando aquella noite na sala das prelecções, era meu especial intuito ir assistir á licção em que se estreava como alumno o filho primogenito do «Ovidio Portuguez», —mancebo a que me ligavam laços da mais estreita affeição, mancebo outrosim de quem particularmente eu conhecia os formosos dotes de um talento incantador.

Assistiam commigo, attrahidos pelo mesmo impenho, varios amigos do moço estudante, e não menos amigos meus, entre elles o mallogrado Antonio de Cabedo, que apenas septe mezes sobreviveu áquella noite de festa, — e poucos haverá que hoje ainda vivam d'esse tempo.

Dos alumnos sei eu que felizmente existe (unico talvez! — e Deus lhe prolongue a existencia por largos annos) o Conselheiro Antonio Augusto Pereira de Miranda, que era alli nessa epocha um estudante distinctissimo, e que sempre me ficou prodigalizando o favor da sua captivante amizade.

Quando no relogio da sala bateram sonorosas e suggestivas as nove horas, — o que ao estudioso Julio de Castilho deu ensejo para tomar naquella noite a palavra, — ficámos alvoroçadamente sus-

Retrato de Julio de Castilho
aos 24 annos

pensos dos seus labios, quantos alli anciavamos por escutar e applaudir a auspiciosa estreia do orador.

«Comparação da litteratura na Italia com a de Portugal nos fins do seculo XV e em parte do seculo XVI — foi o ponto sôbre que lhe coube dissertar.

Vi-o levantar-se da cadeira em que estava sentado, erguer-se meio-timido, meio-radiante, e na sua modestia.... começar por pedir desculpas. Depois a summaria indicação do ponto que se propunha tratar na sua conferencia («humilde esbôço» — como elle lhe chamou ao principiar). Depois.... a eloquencia a jorros!

Ao intrar no amago do seu discurso, vimol-o traçar uma analyse, mui succinta mas muito clara, do estado politico porque se caracterizava aquella quadra em Portugal, em Castella, e finalmente em Roma, — para depois passar elle a mostrar como, reflectindo-se nas lettras a politica dos povos, é a litteratura o espelho da politica. Ao imbrenhar-se na Italia, ao achar-se em Roma, ao defrontar-se com o Vaticano, o espirito do illustre mancebo curvou-se commovido e respeitoso perante esse monumento singular, que, no dizer d'elle, «é mais do que um templo, é um sacrario». E um brado de enthusiasmo irrompeu-lhe espontaneo dos labios ao traduzir as commoções que dentro n'alma lhe des-

pertava a simples consideração d'aquelle santuario.

Depois,—ao contemplar o solio pontificio que (palavras textuaes do orador) «é mais de que um throno, é uma cathedra de divina sapiencia», e a tiara que (reproduzo ainda as proprias expressões pelo orador enunciadas), a tiara «que é mais do que um diadema, porque é um resplendor»,—as palavras de Julio de Castilho foram sublimes de poesia.

Elevado á magnitude do assumpto, vimol-o todos inclinar-se reverente perante o solio sagrado, que ha-de ser sempre a cadeira excelsa do Vigario de Christo, imbora com fraquezas e leviandades (caracteristicas do barro humano) pretendam acintosamente os mal-intencionados que se lhe deslustra o brilho, imbora excepcionalmente alguma vez ascenda a celsitude pontificia com pégádas de sangue «quem vá manchar os degraus do solio, devendo antes ir esconder na sombra do olvido a vergonha dos seus delictos».

Tudo isto em poucas palavras soube o eloquente Julio pintar com as côres mais vivas, com as tintas mais apropriadas, da sua miraculosa palheta.

E apoz, ao intrar em scena o artistico pontifice Julio II, e logo em seguida o grandioso Leão X, o impulso que iam as artes e as lettras receber, tudo isso lhe suscitou judiciosas apreciações, involvidas

naquella sua tão correcta e sympathica linguagem.

A litteratura (disse o orador) ia agora intrar numa era de prosperidade.

E, discorrendo, foi Julio de Castilho, retomar o assumpto de mais longe.

Foi evocar o Cantor da «Divina Comedia», e retratar com toques finissimos aquella «trindade de talentos», orgulho e gloria da Italia: — o Dante com a sua linguagem especial já severa e inexoravel a castigar os vicios dos prepotentes, já terna e mimosa a conversar com a sua querida Beatriz; o Petrarca, meigo e suave cantor, todo elle ameno, viçoso e doce; finalmente o Boccacio na sua prosa tão delicada, tão singela, tão picturesca, maliciosa ás vezes, mas sempre incantadora.

Depois.... seguiu-se o «Orlando Inamorado» de Boiardo «a offerecer uma tela em branco» (palavras de Castilho), — uma tela em branco onde Ariosto veiu com tanta imaginação, com tanto brilhantismo, e com tanta poesia, traçar as inimitaveis scenas do seu «Orlando Furioso», poema admiravel sob qualquer ponto-de-vista por que se incare. E neste ponto (aqui o declaro numa expansão de incontestavel justiça) Julio de Castilho mostrou-se devéras inspirado.

A sala das prelecções tinha-lhe (como se fôsse por artes magicas) fugido da sua presença. E elle

achava-se, como por incanto, naquella terra de fogo e de amor, — onde o ar que se respira, o solo que se pisa, o horizonte que nos circunda, e o sol que nos illumina, tudo exhala em redor de si catadupas de poesia e de inspiração.

E foi uma delícia para os circunstantes — verem-n-o decorrer, todo inlevado e todo poeta, por essa larga região de singularissimos incantos, começando nos virentes olivedos do Piemonte, atravessando as aguas crystallinas do Pó, saudando com enthusiasmo a decantada Toscana, noiva risonha que tem Florença por diadema nupcial, passando em seguida aos Estados da Egreja tão repletos de curiosas tradições, e finalmente parar extatico nos jardins de Parthenope, ou reclinar-se melancholico e pensador junto dos sarcophagos de Sannazzaro e de Virgilio.

E aquella pleiade assombrosa de talentos e de inspirações, que despontava no horizonte da Italia, era o luminoso arrebol que pronunciava o brilhantissimo advento de Torcato Tasso, deslumbrante poeta que não tardava a intrar em scena com as matizadas estancias da sua «Jerusalem Libertada», — chegando porfim (que tristeza!), chegando porfim Adriano VI que veiu completar o fundo do quadro debuxado pelo conferente, Adriano VI que «no seu delirio febril de santidade» (palavras textuaes de Castilho) mandou incobrir e tapar as admiraveis

pinturas, com que na Capella Sixtina se tem durante seculos immortalizado a gloria de Miguel-Angelo.

Adeus, estro! adeus, inspiração! E a protecção que ás bellas-artes e ás bellas-lettras haviam generosamente dispensado Leão X em Roma e Lourenço de Medicis em Florença, afigurava-se, ante o acanhado espirito de Adriano VI, indigna da tiara que elle cingíra na sua ascensão ao pontificado.

Voltando depois a Portugal, ao passar em revista aquelles poemas tão seus conhecidos e tão seus queridos, — causou verdadeiro gôsto vêl-o seguir passo a passo, ora impetuoso e ardente, ora fagueiro e meigo, ora caprichoso e arrebatado, mas sempre picturesco, sempre inspirado, e sempre poeta, vêl-o seguir e acompanhar com os retoques da sua conceituosa crítica as diversas figuras que se foram successivamente debuxando na tela do seu primoroso quadro.

— «Ao ingressar em Portugal (disse elle), sinto-me outro, acho-me em ares patrios, e o coração transborda-me de poesia».

E assim foi, e bem evidente o mostrou.

Lisboa, negligentemente recostada sobre collinas, mirando-se presumpçosa nas aguas do Tejo, e contemplando com desvanecimento a esquadra do Monarcha «Venturoso», — Lisboa, immoldurada em verdes olivedos, e a desinrolar-se num riquissimo

panorama, — Lisboa prestava-se a considerações em que Julio de Castilho não podia resistir á tentação de tocar, laconicamente que fôsse, a eterna Lisboa dos seus amores!

Seguiu-se depois um assumpto de erudição vasta e profunda: — uma analyse a correr (que, para mais, não lhe sobrava o tempo), uma analyse do parentesco entre as linguas neo-latinas, e o confronto das duas poesias tão irmans, a gallega e a portugueza, separando-se alfim a portugueza (toda aristocratica), e descahindo no olvido ou no menosprêzo a gallega (que só nos tempos modernos começou a resurgir).

Numa resenha rapida, mas conscienciosa e sempre elegante, deslizou perante o auditorio a serie dos trovadores que em sua linguagem (rude por vezes, mas tão singela e tão poetica!) dedilharam nos alaúdes, e de que já poucos monumentos restam hoje, mas preciosos esses poucos, preciosos e incontestaveis documentos do muito aprêço que nos merecem.

Macias — o «cavalleiro inamorado» (gallego ou portuguez, — que importa?) — foi o derradeiro da curiosa galeria que o conferente nos patenteou, arrastando-nos irresistivelmente apoz a sua aprimorada locução, tão graciosa, e tão delicada, e tão infeitada de flores.

Ao surgir em scena El-Rei D. Manuel, que o

conferente qualificou de «Leão X de Portugal», lettras e artes iam ser em nosso paiz o que naquelle tempo eram na Italia com o «D. Manuel romano», — sendo coincidencia frisante (coincidencia que Julio de Castilho fez notar) o apagarem-se no mesmo anno aquelles dois «fachos de civilização», no mesmo anno perderem artes e lettras aquelles dois monarchas tão seus queridos e tão seus patrocinadores.

Gil Vicente, o «Plauto Portuguez», o fundador do nosso theatro; Bernardim Ribeiro, o devaneador das «Saudades»; Garcia de Resende, o collector do «Cancioneiro Geral»; precursores, todos tres, de Antonio Ferreira, de Sá de Miranda, de Côrte-Real, e (entre outros) de Antonio de Castilho (distincto ascendente do Julio), foram os principaes vultos que lhe coube apresentar, é em que plenamente denunciou os aquilatados recursos do seu talento, do seu estudo, e da sua erudição, aformoseado tudo pelos dotes elegantes de um delicado gôsto.

No fim, por guisa de supremo remate, o «Homero Portuguez»; Luiz de Camões, o amador de Nathercia, fechando o quadro, — tal qual na Italia o fechára Torcato Tasso, o apaixonado da formosa Leonor!

A hora, muito adeantada já, — hora que lhe não cumpria ultrapassar, — veiu pôr estôrvo a que o conferente se demorasse por longo tempo (como elle

desejava e nós gostariamos) na minuciosa apreciação dos nomes que deixo apontados, — e apenas com o primeiro (o de Gil Vicente) poude um tanto alargar-se, «receoso todavia de abusar da paciencia e da indulgencia do auditorio» (como elle dizia, modestissimo sempre).

Ao terminar a conferencia, Professor e ouvintes foram enthusiasticamente saudar quem tão auspiciosamente se lhe revelava.

E para mim, que sempre gostei de ver o talento ingrandecer-se e ingrinaldar-se com a rutilante auréola que só Deus concede aos seus eleitos, — para mim, que já nesse tempo consagrava a Julio de Castilho uma profunda amizade, — para mim, aquella ovação, alcançada pelo juvenil poeta, ficou representando, em toda a minha vida, uma das mais gratas recordações.

E é consultando a minha reminiscencia que ora aqui desfolho estas saudades de uma noite agradavelmente passada.

Finalizado o sarau litterario, Antonio de Cabedo e eu fomos acompanhar o Julio á sua casa (na Rua Nova de San-Francisco de Paula), onde o aguardava surridente e feliz o seu amoravel Pae, que nos triumphos do Filho incontrava uma das mais consoladoras alegrias.

E foi esta (que me lembre) uma das mais notaveis (mesmo talvez a mais notavel de todas) entre

aquellas saudosas noites do «Curso Superior de Lettras», em cuja fundação El-Rei D. Pedro V havia posto o seu mais acrisolado amor.

Tempos que fogem! Tempos que não voltam!

Lisboa: — 10 de Março de 1919.

XAVIER DA CUNHA.

RECORDANDO O AMIGO E MESTRE

ESCREVER sobre o Visconde de Castilho, Julio!... Como ha-de ser?... Traçar-lhe a biographia? Enaltecer-lhe a memoria em necrologio esmerado? Referir-me á sua obra como poeta, como escriptor? Apreciar a sua vida como funcionario publico ou como simples cidadão?

Não, certamente.

Que se occupe do poeta, que aprecie o escriptor quem tiver pulso sufficientemente vigoroso e adestrado para compôr e traçar o grande quadro em que deve mover-se essa figura inconfundivel, tão especialmente dotada.

Eu direi, apenas, áquelles, e que serão poucos, que o não conheçam, que percorram a sua extensa obra litteraria, e que leiam as suas disposiaões testamentarias. Ficarão assim conhecendo, bem melhor que por informações d'outrem, o Visconde de Castilho, como artista e como homem.

*

* *

Pouco mais ha de um mez que elle deixou de existir. A minha saudade é muito grande. Só o coração, portanto, pode falar.

Acodem-me n'este momento as recordações das minhas visitas ao Lumiar; os momentos que com elle passei na melhor intimidade.

Não é pois o inspirado auctor das «Manuelinas», nem o sabio e meticuloso investigador da «Lisboa Antiga» que vejo na minha presença n'este momento de saudade, mas sim o bom, dedicado e simpathico amigo, o carinhoso mestre que tantas e tantas provas de sincera amizade e uteis ensinamentos me dispensou.

E' assim, que o estou sentindo, e assim a minha desataviada penna irá, saudosa, deslizando sobre a memoria do amigo querido cuja convivencia intima só pude por infelicidade minha, gozar n'estes ultimos annos da sua vida.

Foi ahi por 1914. Eu já conhecia pessoalmente o Visconde de Castilho, a quem tinha fallado algumas vezes de passagem, e conhecia-o atravez da sua interessante obra litteraria.

Um dia chegou em que me foi necessario recorrer a olhos experimentados que passassem sobre umas composições poeticas por mim improvisadas

n'um momento de cruciante dôr que eu, por todas as formas, procurava mitigar. Ainda que para uso muito particular, os versos tinham que ser impressos.

Lembrei-me de os mostrar ao Visconde de Castilho, e levei-lhe uma parte que já tinha feito imprimir, pedindo-lhe a sua opinião auctorisada, e que, com toda a sinceridade, me dissesse o que sentia.

Leu com attenção, e no fim, voltando-se para mim com modo acolhedor, mas ao mesmo tempo com ar de quem se sente impellido ao cumprimento do dever de ser sempre leal e verdadeiro, diz-me: «olhe meu amigo, isto não está mau, mas...» e continuou nas suas considerações.

Foi a primeira lição que lhe ouvi. E foi tal a competencia, a probidade e a lealdade das suas palavras que a partir d'aquelle momento, me senti preso por laços de ferro áquella creatura incomparavel.

Uma coisa me custou, passado algum tempo: foi habituar-me a tratal-o por tu, como elle m'o impoz.

*

* *

O que era na convivencia intima o Visconde de Castilho, é coisa difficil senão impossivel de dar a entender.

Só vendo-o e ouvindo-o.

A impressão por elle deixada é d'aquellas que só recebidas directamente da causa que as produziu podem ser justamente apreciadas; a penna não consegue traduzil-as por mais requintados artificios que empregue.

A sua phisionomia franca e alegre, a contar despreoccupadamente uma passagem, uma anecdota, com aquella voz mascula, sonora, modulada por variadas inflexões e timbres, as imagens e ditos de espirito a acudirem-lhe de todos os lados e sempre a proposito, os imprevistos de toda a ordem que elle fazia passar diante de quem o ouvia, era um espectaculo que não pode imaginal-o quem a elle não tiver assistido.

Com elle perdia-se a noção do tempo.

Era um verdadeiro *charmeur*. Era um espirito juvenil a quem não embaraçava o peso do tempo que já o sobrecarregava.

Estou ainda a vel-o e a ouvil-o na minha casa da rua Ivens (rua de San Francisco, como disse sempre) quando chegado a uma janella para contemplar o panorama, sobre o monte do Castello, da sua cara Lisboa, ouvindo os sinos da egreja de S. Julião, alli proximo, que começavam a tocar e sentindo-se n'esse momento estimulado por milhares de recordações que um tal espectaculo inesperadamente lhe despertára

pôr-se a recitar a sua linda poesia dos Sinos de San-Gião:

> «Não sei dizer que saudades
> me acordam no coração
> aquellas vozes de prata
> dos sinos de San-Gião.
> ....»

Tinha a alma d'um verdadeiro artista.

O distinto poeta teria sido ao mesmo tempo notavel no desenho, na pintura ou na escultura, se em tempo proprio tivesse adquirido os conhecimentos basicos das artes plasticas como adquiriu os da poesia.

Quantas vezes, mostrando-me os interessantes albuns com os seus desenhos á penna, executados com notavel habilidade, elle se me lamentou de o não terem feito estudar desenho em pequeno.

Augmentar os conhecimentos era para elle uma necessidade quasi superior á de comer; abandonava tudo pelo prazer do estudo em que era incansavel.

A arte, acima de tudo, em qualquer das suas manifestações, fazia-o vibrar de enthusiasmo.

Até quasi ao momento de expirar revelou as tendencias do seu espirito, as predilecções que lhe tinham dominado o sentir durante toda a vida.

Na vespera de morrer, com as forças completamente perdidas e a voz a apagar-se, ainda elle me dizia: — «Logo que o tempo melhore e eu me sinta

completamente restabelecido, vou começar a tratar da minha excursão a Coimbra para visitar o museu Machado de Castro que não conheço.»

E queria ir lá não só para ver o que lá estava mas para ter o prazer de entrar n'aquelle templo d'arte de que era orago o grande esculptor do seculo XVIII, cuja memoria elle tinha no mais alto apreço.

É que não só sentia prazer diante de qualquer producção de grande arte, como tinha o mais profundo respeito pelo seu auctor.

Muito severo, mas sempre benevolente nas suas apreciações criticas, em certos casos, porem, ia até quasi á intransigencia. Isto tratando-se de poesia onde não admittia certas liberdades.

No soneto, por exemplo, podia lá supportal-o com versos agudos?! A não ser n'um caso muito especial e só quando isso se podesse justificar com bons motivos. «As liberdades não são mais que provas de fraqueza», dizia elle.

O soneto afigurava-se-lhe qualquer coisa de sagrado, cuja ideia e forma tinham que ser religiosamente respeitadas.

E já que fallo na sua especialidade, a poesia, não quero deixar de transcrever das suas «Manuelinas» um belo soneto, que é um modelo, pelo lirismo que encerra, e pela forma magistral como é composto:

Custou-te ouvir que a minha voz se unia
aos sentidos harpejos da viola.
Doeu-te ouvir a minha barcarola;
cuidas que o meu cantar é de alegria.

Enganas-te, Anjo bom. Da melodia
sai quanta vez, como divina esmola,
o pranto, que nos move e nos consola,
e a suave christan melancolia.

Isso é que eu procurava ao ir tristonho
tanger sósinho o quérulo instrumento
e enganar esta dor, que nada acalma.

Quando geme a viola, eu velo e sonho;
e aos ais d'esse tristissimo concento,
não canta a minha voz, chora a minh'alma

Sabia dizer de cór composições inteiras dos classicos, tanto nacionaes como extrangeiros; e a obra quasi por completo de seu pae, que elle retinha devido á prodigiosa memoria de que era dotado. A sua avançada idade e os impertinentes achaques que o atormentavam, não lograram impedir que trabalhasse até á ultima hora.

Em qualquer momento que se entrasse na sua casa lá estava elle entregue ao trabalho: lendo, annotando um livro, tomando apontamentos, corrigindo uma obra em preparação, desenhando ou pintando.

E assim foi até ao fim.

*
* *

O Visconde de Castilho era um espirito enriquecido pelas mais excellentes qualidades e virtudes. A sua psichologia muito especial tornava-o uma personagem cheia de interesse.

Profundamente crente, como se vê pelo testamento que deixou; austéro de antes quebrar que torcer; de ardente phantasia, ao mesmo tempo que ponderado e modesto; prodigo até ao esgotamento; d'uma abnegação evangelica que o levava ao esquecimento completo de si proprio para prestar serviços sem nunca pensar no troco; era ao mesmo d'uma maleabilidade quasi infantil, d'uma facilidade de adaptação que, onde quer que estivesse, estava sempre bem.

Algumas vezes se desconcertava, subindo-lhe então o rubor indignado á fronte ampla e ás faces: era quando sabia da destruição inconsciente de qualquer documento que falasse da tradicção ou quando vinha no conhecimento de qualquer acto de injustiça praticado.

Sentia a desgraça do proximo como se fosse sua.

Fallava sempre a verdade, fosse a quem fosse; nunca a palavra lhe serviu para occultar o pensamento.

D'uma vez, era elle então mestre do mallogrado

Principe Real, fallava-se no paço sobre os preparativos d'uma caçada que estava para haver, e o Principe, dirigindo-se a elle, pergunta-lhe:

— O' Castilho gosta de caçar?

Acto continuo responde o mestre:

— Não, meu Senhor, e lamento que nas tradicções da casa de Vossa Alteza exista semelhante divertimento, pois não admitto que se mate, nem que seja uma mosca, por mera distracção.

Se os achaques o levavam a um estado de prostração mais accentuado, quasi se enfastiava com o excesso de cuidados e perguntas sobre a sua saude, que para elle estava sempre bem, ainda que padecesse.

Quando foi d'um forte ataque que lhe deu fóra de casa, entre tantos que se repetiam ameudadas vezes, em que elle foi levado para o Lumiar quasi muribundo, com a cabeça cheia de contusões devido á grande queda que deu, appareci-lhe em casa no dia seguinte, e julgando encontral-o de cama, rodeado de cuidados, fui dar com elle sentado á mesa do trabalho, tendo-lhe recommendado o medico que se conservasse em completo repouso.

Como elle apreciava a visita das senhoras! quantas e quantas lá iam, percorrendo o longo trajecto até ao Lumiar, só para visitarem aquelle rapaz de setenta e tantos annos.

Dizia elle, a quem se lamentava de o ter longe, que a distancia era a joeira da amisade.

Devia, necessariamente, sentir-se deslocado no tempo em que viveu, quem tinha, tão accentuado, o espirito d'outras epocas. Decerto estaria a estas horas consagrado pela historia entre os da ala dos Namorados, ou entre os dose de Inglaterra, entre os Companheiros de Albuquerque e do Gama, ou entre os heroes de 1640, se porventura em taes epocas tivesse existido.

Uma qualidade tinha o Visconde de Castilho, e no mais alto grau, que o tornava adaptavel a todas as epocas: era a muita bondade do seu grande caracter francamente generoso, affavel e leal para toda a gente.

Nunca o ouvi dizer mal de ninguem.

E o respeito, a veneração, o culto pela memoria do Pae?!...

Certa vez que lá entrei, estava elle trabalhando n'uma das salas do primeiro andar, sentado á sua espaçosa mesa de trabalho, em frente da qual, pendurado na parede havia um retrato de Antonio Feliciano de Castilho, pintado a oleo por seu filho Julio, em tamanho natural.

Não deu logo por mim porque não me sentiu os passos, devido á surdez já bastante adeantada, e porque estava escrevendo activamente.

Esperei um momento entre portas para não o interromper, mas logo que o vi levantar cabeça dirigi-me para elle. Assim que deu por mim, fitan-

Castilho

Estatueta modelada em cera por Julio de Castilho

(Rep. photog. do seu dedicado amigo J. A. Barcia)

do-me com o olhar ainda um pouco alterado, e apontando para o retrato do pae, diz-me: «Vêl-o?... vêl-o?... é a elle que tudo devo, é elle sempre que me salva de difficuldades; agora que precisava d'uma ideia, procurando-a sem conseguir encontral-a, fixei-o por momentos implorando o seu auxilio, e logo fui satisfeito encontrando o que me convinha.»

Ouvi-lhe n'esse dia varias poesias do pae e dois lindissimos sonetos em francez, lingua que elle conhecia e fallava como a sua.

Era, na verdade, um ente unico.

Como todos os artistas de raça nunca deu maior importancia ao lado practico da vida; a sua penna não se moveu nunca atraz do vil metal; era a ancia de revestir sempre pela forma mais aperfeiçoada o que lhe ia na alma, que o animava a escrever. Não sabia fazer negocios, por isso não soube nem poude transformar a sua arte em industria rendosa. Por isso morreu pobre. Morreu como um santo. Que o diga o seu bello testamento.

*

* *

Perdoe-me o grande mestre.

Que a sua memoria não fique offendida com estas pobres linhas traçadas em sua honra por um

profano nas letras. Aquelle que foi um modelo de perfeição na arte de escrever merecia mais.

E se por acaso fui indiscreto no que escrevi, fui-o sem querer, por não encontrar outra forma de manifestar a minha veneração pela memoria do grande morto que as gerações futuras se encarregarão de perpetuar.

Deixa muita saudade!... a saudade, a que elle chamava: «a palavra portuguesa por excellencia».

Paz á sua grande alma.

Março de 1919.

D. Fernando de Almeida.

JULIO DE CASTILHO E FR. LUIZ DE SOUSA

Se nas imprescrutaveis regiões do Além os espiritos eleitos se encontram e comunicam, como devia ter sido afetiva a entrevista d'estes dois irmanados pela desgraça e pela gloria tambem!

Ah, querido e saudoso amigo! Como poderias então ter exclamado parodiando o poeta:

> «Sousa, grande Sousa, quão semelhante
> Acho teu Fado ao meu quando os cotejo!»

Ambos de nobre estirpe, ambos arremessados para as plagas d'alem-mar — Sousa para a Africa e India, Castilho só para a Africa, ambos com o coração alanceado se retiraram precocemente da vida, Sousa professando em S. Domingos de Bemfica, Castilho refugiando-se no eremiterio de Sacavem, na tebaida dos Olivaes e por ultimo no Lumiar.

E quasi, quasi as paginas mais rendilhadas da «Historia de S. Domingos» e os primôres estylisti-

cos da «Lisboa Antiga» foram inspirados contemplando as mesmas paysagens cheias de doçura, tendo na retina as mesmas azuladas e distantes montanhas.

Sousa é o chronista da ordem; Castilho é o chronista de Lisboa.

Sousa investiga nos cartorios dominicanos, curva-se sobre os pergaminhos já então amarelecidos, tira apontamentos, compila-os, dá-lhes a derradeira lima e entrega-os finalmente á estampa.

Castilho rebusca nas bibliotecas e arquivos, pacientemente junta o material olisiponiano, carreia-o, burila-o e alfim publica-o.

Não é pois para admirar que Castilho consagrasse oito meses á leitura pertinaz e á exegése da obra do Mestre e assim elaborasse na sua primorosa caligrafia, de que tanto se orgulhava, o *Indice da Historia de S. Domingos do grande Fr. Luiz de Sousa coordenado pelo auctor da Lisboa Antiga e accrescentado com algumas annotações e trechos extrahidos de autores de merito,* cujo autografo ainda em vida doou á Torre do Tombo.

Na *Advertencia* escreve Julio de Castilho:

«Cabe-me a satisfação intima de ter cumprido assim um dever moral para com os illustres Dominicanos e um dever litterario para com os meus confrades, os escriptores portuguezes; e posso tambem affirmar, com a maior verdade e lisura, que a

faina que me impuz, foi dos mais puros e intensos prazeres da minha vida. Conviver, como convivi, com aquelle Portugal de outr'ora, frequentar, como frequentei, aquella sociedade crente; conhecer de perto, como conheci, tanta gente notavel, foi para o meu espirito a maior consolação que podia ter na crise moral, politica, social, que atravessamos.»

E não teria, depois d'isto, Sousa obrigação de se mostrar bem grato a quem com paciencia benedictina nos patenteou tesoiros escondidos — para não dizer amortalhados — nos quatro volumes da sua *Historia?*

Nada vale o brilhante no seio da terra se está ignorado, e isso acontecia a muitos passos da *Historia de S. Domingos.*

Tencionava Julio de Castilho fazer o mesmo á *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Martyres,* mas o homem põe e Deus dispõe, e n'este caso dispoz pela negativa.

Leitor, eu não pasmo só do escrupulo com que esta obra foi elaborada, da consciencia com que foi redigida, da erudição com que foi anotada; pasmo tambem e muito do apuro caligrafico com que foi copiada apóz rigorosa alfabetação dos verbetes.

E não andarei muito longe da verdade supondo que o prazer de Castilho não foi apenas em conviver com a sociedade referida na *Historia de S. Do-*

mingos, mas tambem e principalmente com o seu autor.

«Similes, cum similibus...»

E estes dois, Julio de Castilho e Fr. Luiz de Sousa, foram triste e duramente irmanados pela Desgraça e pela Gloria tambem!...

Antonio Baião.

JULIO DE CASTILHO E AS «MANUELINAS»

De toda a obra poetica de Julio de Castilho, as «*Manuelinas*» são, para o meu espirito, as que melhor reflectem a alma e o coração do grande escriptor que hoje dolorosamente choramos.

Ha nos «*Primeiros versos*» paginas de ternura, cheias de sentimento, verdadeiras joias litterarias.

Os «*Fastos portuguezes*» teem tambem, nos maravilhosos versos brancos em que elle foi mestre entre os mestres, mil encantos, mil seducções, largos vôos de genio, bem proprios das aguias soberanas.

Mas, nem os rasgos geniaes nem a poesia dôce d'estes dois delicados livros, me fazem comprehender tão bem o admiravel temperamento litterario de Julio de Castilho, como esse fulgente cancioneiro dos «*Manuelinas*».

Nas «*Fastos*» é todo um cerebro poderoso que trabalha, é uma imaginação subtil posta ao serviço

de um grande poeta. Os seus versos arrebatam, entusiasmam, mas não comovem.

Nas «*Manuelinas*», pelo contrario, ha coração, ha lirismo — paginas lapidares, onde a melancolia e o temperamento amoroso d'um povo explendem n'um requinte de arte e de luz.

Larga pintura a fresco, em côres naturaes e vivas, d'essa adoravel época em que decorrem todas as nossas glorias, toda a realisação dos nossos sonhos de meridionais — as «*Manuelinas*», tendo em si o bucolismo de Cristovam Falcão, a simplicidade de Bernardim Ribeiro, a ternura feiticeira de Sá de Miranda, a ingenuidade de Gil Vicente e por vezes esses sonhos de amor que imortalisaram Camões, consubstanciam, duma maneira real e iniludivel, a alma simples e bondosa desse artista que será eternamente chorado, e que foi um dos maiores liricos de Portugal.

Desde essa deliciosa poesia *O meu concioneiro*, onde o seu estilo cantante, musical, tão bem se casa com a perfeição da forma, até a *Os sinos desta aldeola*, perola literaria do mais alto valor, e a *O remador*, para mim uma das mais belas paginas de toda a obra de Julio de Castilho — que constantes e deleitosas maravilhas, onde perpassaram, numa intensidade de alma poetica, todo esse viver, toda essa sociedade, com a sua ingenuidade e o seu lirismo, a sua alma simples e o seu ardôr

de aventuras, que caracterisa tão brilhantemente o seculo XVI em Portugal!

E depois, que abundancia de colorido, que extraordinario poder de imaginação, que sorrisos, que lagrimas, que delicada ternura sentimental teem essas «*Manuelinas*», obra-prima dum poderoso escritor, gloria autentica da nossa terra!

Poetas jovens, poetas para quem a vida é ainda um mar de fantasias: — inspirai-vos nesse livro que eu tanto amo, lêde essas paginas que um coração bondoso ditou, esforçai-vos por comprehender essa arte tão requintada que, como uma flôr exotica, Julio de Castilho tão singularmente cultivou — e vereis a vossa lira encantar todos os amantes da Beleza com sons harmoniosos, limpidos e serenos, como aquelles que o imortal auctor da «*Lisboa Antiga*» faz vibrar no seu adoravel cancioneiro...

Março, 1919.

ANTONIO RODRIGUES CAVALHEIRO.

TALENTO E VIRTUDE

ALGUNS amigos e admiradores do Visconde de Castilho manifestaram-me o desejo de que eu, o mais obscuro entre os seus intimos amigos, escreva algumas palavras, acompanhando-os assim na homenagem, que tencionam prestar á memoria do grande espirito, cuja falta todos nós profundamente sentimos.

Agradecendo tão delicada attenção de bons amigos, vou por esta forma cumprir o dever que a amisade me impõe.

Ha trinta e cinco annos, tive a felicidade de conhecer o Visconde de Castilho.

Foi o meu muito querido e bom amigo D. Antonio da Costa, que tendo a bondade de apresentar-me a elle, como seu intimo amigo, assim me deu a grande felicidade de conhecer e poder admirar uma das mais bellas almas de Portugal.

E realmente, rarissimas vezes se terão reunido

no mesmo espirito tão altas, tão nobres qualidades de intelligencia e de coração.

Quem leu os livros do Visconde de Castilho, ou quem teve o prazer de o ouvir, não sabe, que mais admirar n'elle, se o talento, o saber, a finura de espirito, ou a delicadeza dos seus sentimentos, a inexcedivel bondade do seu coração.

Herdára do pae, Antonio Feliciano de Castilho, herdára d'aquelle grande espirito a sua bella alma de poeta. Em tudo que escreveu, tanto nos poemas, como em proza, ha como que irradiações da poesia da sua alma.

Na —*Lisboa Antiga*—, nas descripções dos monumentos, de costumes antigos, em tudo ha vida, ha um delicadissimo colorido, que nos prende e encanta.

E com que saudade, com que carinho e amor de filho elle escreveu as bellas paginas das — Memorias de Castilho ! ! !

Nos seus livros as ideias e a forma literaria, tudo n'elles nos enleva e attrae, porque tudo nos parece illuminado pelos reflexos da bondade da sua alma, pela sua fé nos mais altos ideaes, pela sua crença em tudo o que ha mais elevado e nobre.

Elle era crênte, profundamente crênte ; espiritualista purissimo combatia em tudo e sempre o grosseiro materialismo, em que tantos e tantos se afundam.

Era um encanto ouvil-lo, expondo as suas ideias, a sua fé.

Na vastidão infinita do Universo, como nos mais pequênos sêres do nosso Mundo; no canto das aves, na belleza das flôres, no instincto dos animáes e nas faculdades do homem, que sendo physicamente tão pequeno, como que um átomo na immensidade do espaço, apezar d'isso, apezar da sua extrema pequenez, pelo pensamento abarca os mundos e pela sciencia tem realisado os mais espantosos prodigios; n'estas e n'outras assombrosas maravilhas da natureza o Visconde de Castilho com a sua alma de poeta e de crente em tudo via e admirava o Poder infinito, que tudo creou, tudo organizou e tudo governa.

Era crente e affectuosissimo: quantas vezes ao ouvil-o fallar do pae, que elle adorava, do seu predilecto amigo D. Antonio da Costa e d'outros seus intimos amigos, ao evocar do passado recordações de factos e episodios da vida dos que lhe eram mais queridos, eu via com admiração, que elle, apezar de abatido pelos annos e pela doença, fallava com tanto enthusiasmo, tanto calor, tanta vida, que me parecia ver resurgir no seu bello espirito o vigor e o enthusiasmo da sua mocidade!

Era a saudade, que fazia vibrar intensamente o seu coração primoroso, a sua sensibilidade da mais

pura e fina delicadeza! Que bello espirito! Era em tudo perfeitissimo e completo.

Pode dizer-se, que o Visconde de Castilho era a mais alta personificação de tudo o que ha de melhor no sêr humano.

E eu, que tanto o admirei e tanto e tanto o estimei em vida, agora, ao vêl-o desaparecer para sempre no tumulo, penso no grande mysterio do destino da vida humana; e como dedicadissimo amigo inclino-me respeitoso e com a mais viva saudade diante da memoria d'aquella alma purissima, diante do grande e bello espirito do Visconde de Castilho.

Lisboa, Março de 1919.

AGOSTINHO DE CARVALHO.

NO MUERE QUIEN LOGRA TRASPASAR LOS UMBRALES DE LA GLORIA

Dos ineludibles mandatos me llevam á aportar mi insignificante concurso para la obra que com este libro se pretende llevar a cabo, la de prestar um justo y merecido homenage á la memoria del hombre honrado; del caballero intachable; del amigo leal; del modestisimo sabio que se llamó en vida Julio de Castilho=2.º Vizconde de este nombre.

Me obliga en primer término la franca, leal amistad y entrañable afecto que nos unió desde el primer dia que tuve la suerte de conocerle, amistad nunca entibiada, afecto no desmentido jamás, hasta el ultimo momento de su vida y que he de consagrar á su memoria en lo que á mi de vida me reste.

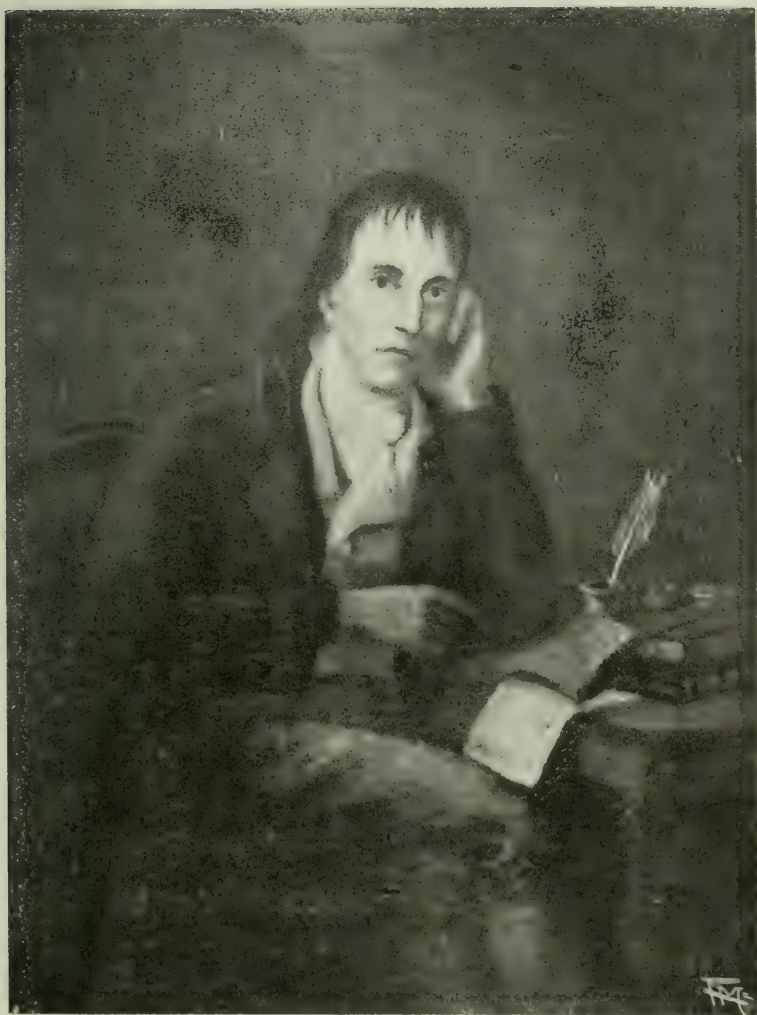
En segundo lugar me obliga la insistente, cariñosa invitacion que para ello me hace persona á la por

él tuve la suerte de conocer, con la que hoy me unen afectos de amistad muy intima y a la que nada puedo negar.

Sirva esta aclaracion para disculpar, lo que sin ella hubiera de tomarse por nécia osadia en mi.

Grande es la empresa para mis fuerzas y mas aun, aminoradas por el natural deseo de querer corresponder dignamente con ambos mandatos; pero si falto de aliento soy vencido en mi empeño, consiguiendo tan solo echar un borron en este hermoso libro, quiero que conste, al menos, que en deseo y cariño à nadie cedo, igualando al que mas y al declararme vencido podré repetir con el inmortal Zorrilla :

> «Siempre diré sin deshonor en suma
> No me faltó el valor, sinó la pluma.»

Loco empeño seria en mi pretender analizar la labor literaria del Vizconde, harto conocida y admirada de todos y empresa para mi insuperable, cumple esta tarea á hombres mas doctos y mas competentes que yo. Hablar de el como hombre en la vida de sociedad, todos la conocen; todos admiran sus virtudes; su noble y leal patriotismo; su valor resignado en los azares y penalidades de la vida; su bondad sin limites; su caridad inagotable; bastaria con solo decir : Ha muerto sin tener enemigos.

Bocage

Tela a oleo, pintada por Julio de Castilho em 1912, no Lumiar

He de limitarme por lo tanto, a ser mero narrador de un hecho de todos ignorado y que solo yo por la parte que en el tomé tuve la suerte de presenciarlo: hecho sin importancia, natural y sencillo; pero que en su natural sencillez, lo confieso, hondamente me conmovió porque revela, al par que su gran modestia su acendrado amor filial.

Con ocasion de hallar-se en Lisboa el Conde Doña Marina y mi hermano el Marques de Torres-Cabrera, que en mucho estimaban al Vizconde, se habló de ver de proporcionarle una agradable sorpreza tratando de que se le nombrara socio correspondiente de la Academia Española de la Historia.

Aceptada fué con entusiasmo la idea seguros de que ningun inconveniente habiamos de encontrar para que se realizara nuestro deseo, dados los meritos que para ello tenia el Vizconde.

Escribimos á los amigos que en Madrid podian ayudarnos en nuestra empresa, siendo uno de ellos D. Marcelino Menendez y Pelayo, que conocia al Vizconde y á su labor literaria, el que contestó: «Castilho no merece ser solamente socio de la Academia de la Historia, quien ha escrito las Memorias de Castilho tiene derecho á serlo tambien de la Real Academia de la Lengua».

Inmediatamente fueron presentadas en las dos Academias las respectivas proposiciones, dándose el caso de que algunos señores Académicos, que por

no haber tenido á tiempo conocimiento de ellas, aun despues de haber sido ya votado socio por unanimidad, quisieron que sus nombres figurasen entre los que le propusieron. Este acto de merecida justicia por parte de las dos primeras Academias de mi pais revela el valor de la obra literaria de Castilho y como se la conoce y aprecia en España.

A mi fueron remitidos los dos diplomas con sus correspondientes medallas, estas ofrecidas, una por el Conde Doña Marina, la otra por mi hermano el Marques de Torres-Cabrera.

Inmediatamente me dirigi à casa del Vizconde, que estaba ignorante de todo, impaciente yo por cumplir mi cometido y darle tan agradable sorpreza; al hacerle la entrega y ver lo que le ofrecia, fué tal su emocion que con una espresion imposible de pintar, con los ojos arrasados de lágrimas me estrechó efusivamente entre sus brazos y solo pudo decirme entre sollosos:

«¡Si lo viera mi Padre!...»

Jamas podré olvidar esta escena; aquella emocion; aquel abraso tan del alma; aquella tan hermosa frase: ¡Si lo viera mi Padre!... frase que es un poema de amor filial.

Si, amigo del alma, tu Padre te veia en aquellos momentos, gosandose en tu merecido triunfo, como tu ahora nos ves y gozas con el merecido ho-

menage que te tributamos; ya lo ves, no es sola tu patria, no es solo tu Portugal, que tanto amabas, es tambien la mia, es mi España que tanto apreciaste la que, por el mas modesto de sus hijos, viene á rendir su tributo de admiracion y cariño y esclama:

— Castilho no ha muerto, quien como el consiguió traspasar los humbrales de la Gloria vive eternamente.

Badajoz 26 de Marzo de 1919.

PEDRO M.ª TORRES-CABRERA.

CASTILHO AMIGO DOS ANIMAIS

Júlio de Castilho.... Outros, neste livro dedicado à sua memória, exaltarão o suave poeta das «*Manuelinas*», o vernáculo prosador dos «*Dois Plínios*», o indefesso prescrutador da «*Lisboa Antiga*», o homem egrégio, o amigo prestimoso; celebrarão, em suma, as suas qualidades e merecimentos, geralmente conhecidos e apreciados, ante os quais me inclino reverente; eu porêm seguirei outro rumo e apresentarei uma das maneiras do seu temperamento amorável.

Júlio de Castilho sentia sincera afeição pelos animais, afeição que o levava, entre outras tendências, à de detestar os caçadores. Durante algum tempo inclinou-se para os cães e em sua casa havia, alêm de uma cadela malhada, muito gorda e muito cheia de rabuge, um cão côr de leite com café, simpático, de bom porte, apesar da sua página no *stud-book* estar em branco, pois ninguêm descortinára a pro-

veniência de umas gotas de sangue de perdigueiro misturadas nas suas veias com bastantes de gôzo; é que os genealogistas dos cães são mais escrupulosos que os dos homens.

Pôs-lhe seu dono o nome de *Dick* e tudo a êste respeito ia correndo bem, quando estalou de repente o ultimatum inglês.

Castilho, como todos os bons patriotas, sentiu-se vivamente magoado por aquella brutalidade e disse-me ao tornarmo-nos a encontrar:

— Sabes? mudei o nome ao cão; passou a chamar-se *Dique*.

Não pareça fútil o que no fundo envolvia a conciliação de dois sentimentos poderosos: o da hombridade ofendida e o do afecto persistente. Não exagero. Do seu afecto deu Castilho ao Dique duas provas, uma bem patente, a de o reproduzir no retrato do pai, pintando-o enroscado a seus pés, a outra talvez só de mim e mais duas pessoas sabida.

Uma ennevoada manhã de inverno, húmida como sabem sê-lo algumas nas proximidades daquela enorme massa de água quási parada do Mar da Palha, estava eu na quinta da Aldeia, tendo acabado de me levantar, quando senti fóra do portão do jardim o rodar de um carro, seguido, momentos depois, da entrada no meu quarto do Castilho debulhado em lágrimas.

— Que é isso?

— Morreu o Dique!

— Ó! meu caro amigo, que te posso fazer?

— Dá-lhe sepultura aqui, na quinta, para ficar enterrado em terra amiga. Olha, manda-lhe abrir a cova junto à do Tito.

E' preciso saber que eu também sou amigo dos irracionais e um belo rafeiro que tivera, lindo animal de puro sangue, morrera meses antes e eu mandara-o enterrar debaixo de uns cedros e ciprestes na mata da quinta. Era para aqui que o Castilho desejava levar o cadáver do seu cão.

Chamada gente fomos à carruagem buscar uma boa arca de madeira pintada, onde vinham os restos do Dique, a qual o Castilho trouxera desde o Lumiar diante de si, amparando-o cuidadosamente com as mãos. Transportada a caixa para o sítio designado, ao qual ficou depois entre nós dado o nome de Cemitério dos Cães, mandei abrir a cova.

A névoa continuava densa. De cada ponta dos folíolos dos cedros e ciprestes caía um pingo de transparente cristal; as teias de aranha, imóveis no ar de ramo a ramo, pareciam pedaços de renda branca polvilhada de diamantes; o tapete da relva curta e linear, que sob as coníferas se forma no inverno, apresentava o seu verde pálido, quási glauco, matizado de amarelo e branco pelos botões de oiro e pequenos malmequeres, e dava, só êle, uma alegre

mancha ao quadro, no qual únicamente se moviam os cavadores quebrando o lúgubre silêncio com o tinir das enxadas de encontro à terra dura e pedregosa.

Aberta a cova tive de convencer o Castilho a deixar ir o corpo do Dique embrulhado apenas num pano, pois que, se fosse na caixa, inevitável seria a violação da sepultura para a roubarem.

— O qué, é possivel!? exclamou êle.

— Sim, êstes mesmos homens voltarão aqui, logo, à noite, levantarão a terra e levarão a arca; se não fór hoje, amanhã será. E' fatal.

Convencido, assistimos então, o Castilho quási em pranto, eu tristonho, à melancólica scena do enterramento.

....

Não poderia prever naquele momento que, passados mais de vinte anos, noutra triste manhã de inverno, entre duas ondeiradas, veria o cadáver do Amigo ser lançado à terra por forma análoga, pois que Castilho, como S. Fernando de Castela, dissera:

«Desnudo sali del vientre de mi madre, desnudo he de voltar al seno de la tierra!»

Salitre, 29 de Março de 1919.

A. Braamcamp Freire.

A JULIO DE CASTILHO

ULTIMA HOMENAGEM

Repetidas vezes, nunca demasiadas, em vida do ilustre e saudoso extinto lhe prestei dedicada e insuficiente homenagem.

Na *dedicatoria* e *palavras prévias* do livro *A Misericordia de Lisboa*, publicado pela Academia das Sciencias a instancias suas (1902), no numero unico *Castilho* (1900), no *Occidente*, n.º 774 de 1900, quasi inteiramente consagrado ao autor da *Lisboa Antiga*, no parecer sobre a publicação da obra *Depois do Terremoto (Boletim da 2.ª classe da Academia*, 1914 vol. IX, pag. 12-18) e na comunicação *A Velha Lisbôa (Boletim*, dito vol. IX, 1915, pag. 643-687), alem de outros artigos, esforcei-me por afirmar a minha sincera homenagem de admiração pelo autor e pelos seus trabalhos literarios.

Convidado agora a colaborar neste *In Memoriam*, fruto da saudade intensa dos que mais o amaram e significativo do derradeiro preito ao ci-

dadão impoluto, ao carácter integro e diamantino de um verdadeiro português daquelas éras que êle nos retratou redivivas, eu limitar-me-ei a recortar alguns periodos dos meus artigos, acrescentando-lhe apenas n'este momento a expressão da minha profunda mágoa pela morte daquêle que era, além de sabio e poeta, de abalisado cultor da Arte, de arqueólogo e idealista, um tão prestante e ilustre patriota e honrado cidadão da Capital Portuguêsa, que êle tanto amou e á qual erigiu, com carinho filial, eterno monumento.

Na comunicação *A Velha Lisbôa,* enaltecendo o serviço prestado por Julio de Castilho aos estudos de arqueologia da cidade de Lisbôa, dizia eu, e por menos vulgarisada a edição do *Boletim* e sua *separata* reproduzirei aqui, estas palavras:

«.... o venerando cronista da cidade. Cronista, e cronista cantor, alto espirito de Poeta, ao qual a forte couraça da mais solida e vasta erudição não conseguiu algemar, e que, a despeito das pesadas cadeias dos velhos cronicons, dos livros de genealogias e de brasões, dos pergaminhos e dos manuscritos dos arquivos, das ruinas e das síglas dos vetustos monumentos, das inscrições e letreiros carcomidos de velhos epitafios, nunca deixou de librar-se nas azas ligeiras da fantasia, interpretando a arqueologia da velha Lisboa, com o sentimento da poesia, a alma da tradição, que é o espirito len-

dario das gerações que passaram e nos deixaram, de envolta com os monumentos de toda a ordem, como que a essência, o pensamento da sua vida inteira, estabelecendo em élos sucessivos, do mais variado valor arqueológico, a concatenação das civilizações na senda ininterrupta da evolução progressiva da Humanidade!»

«Educado no verdadeiro Ateneu de poesia e de erudição classica, que seu pai constituira em roda de si, desde a mais tenra infancia Julio de Castilho, impregnou o seu espirito, atávicamente potente, com o perfume encantador da tradição histórica; quasi sem o sentir, encarnou na sua feição literaria a paixão clarividente da arqueologia moderna. Nas suas primeiras poesias e nas suas notas ao drama *Camões,* Julio de Castilho demonstrou logo o seu amor pelas investigações relativas ás lendas e aos monumentos antigos. Começando a escrever as *Memorias de Castilho*, e inquirindo, como antiquario, ácerca da casa da rua da Tôrre de S. Roque onde, em 1800, nascêra seu glorioso pai, Castilho foi irresistivelmente arrastado ao estudo do Bairro Alto da cidade, que igualmente lhe fôra berço. Desta paixão pela arqueologia citadina, que foi recrudescendo de dia para dia, ao passo que dos arquivos e dos letreiros ia exumando curiosas e palpitantes histórias, saíram os seus livros monumentais — *A Ribeira de Lisboa* e a *Lisboa Antiga* —

livros que constituem hoje, sem a menor contestação, o mais grandioso, o mais perdurável de todos os monumentos escritos que o amor pátrio acrisolado, o critério seguro do erudito, e o sentimento do poeta, jámais puderam levantar á vetusta cidade do Tejo.

«A vida lisboêta dos séculos que passaram, os seus habitantes, os seus edificios, as suas ruas, bêcos, viélas e alfurjas, os seus costumes e tradições fidalgas, religiosas ou plebéas, tudo naquelas obras resurge, revive, em belissimos quadros, em pinturas brilhantes, cheias de interesse e de vida.

«Nelas irrompe, transcende a poesia da arqueologia olisiponense.

«Muito merece da cidade aquêle que tão alto tem mostrado o seu apaixonado amor por tudo quanto diz respeito á velha *Olisipo* e que nêstes livros, frutos de labor paciente e incessante de toda a sua vida literaria, numa tarefa improba, ingrata, sem remuneração nem interêsses materiais de qualidade alguma, antes com o sacrificio de dispendios e de saúde, tem ido reunindo sábiamente e dispondo com a delicadesa dum artista, o mais persistente e valioso de quantos monumentos possue hoje Lisboa — a narração pormenorizada da sua historia retrospectiva, vasada em belos quadros dramatizados, cheios de vida, scintilantes de verdade e de poesia.

«E, como acima disse, não é só nas obras de erudição que se acentúa o amor entranhado que o autor professa pelos estudos e sentimento da arqueologia. Nos seus versos transparece a cada passo o culto do antigo, muito em especial nas *Manuelinas,* poesias em que, imitando de perto a obra dos velhos poetas quinhentistas, se traçam alguns belissimos quadros da vida nobre e plebéa da Lisboa de outras eras.»

Nos seus versos, falando de cancioneiros e trovadores, dizia Julio de Castilho:

> «Toda essa nobre voz do extincto Portugal
> «é hoje o nosso enlevo, é hoje a nossa gloria.
> «.....................................
>
> «Mas só o povo os põe na sua propria luz;
> «só o povo os entende e só os vive o povo,
> «.....................................
> «...................... Essas pobres canções
> «dizem ao povo tudo........................ (1)

Um modesto monumento comemorativo num dos largos ou pequenos jardins da velha cidade, como em Santa Luzia ou em Santa Clara, seria a justa e agradecida comemoração do arqueologo e do poeta.

---

(1) De *O Ermiterio,* collecção de versos de Julio de Castilho — Lisboa 1876 — (Poesia — *O Trovador da aldeia* — pag. 56).

Do seu lídimo caracter muito haveria a dizer, narrando episodios de alto significado da sua vida íntima. Do seu valor como homem de letras, que só viveu das letras e para elas, outros com maior competencia de crítica literaria farão a merecida apologia.

Permita-se-me que, tão sómente, como a mais irrefutavel e preciosa confirmação do que deixei dito da sua simplicidade de caracter e da modestia incomparavel do seu espirito fundamentalmente cristão e democratico, demonstrado no entusiasmo com que descreveu e registou as tradições populares da velha grei citadina, e no modo porque assinava todos os seus livros e escritos, apenas com o seu nome — Julio de Castilho —, permita-se-me, repito, que eu enriqueça as paginas deste *In Memoriam* com a publicação da carta inédita que do Mestre recebi, agradecendo-me com as afirmações da maior e mais verdadeira modestia, a publicação da minha pequena comunicação — *A Velha Lisboa.*

Assim fecharei esta minha tão singela como sentida derradeira homenagem a Julio de Castilho, meu tão saudoso como benevolo amigo.

Lisboa, 20 de Março de 1919.

Victor Ribeiro

«....... Victor Ribeiro.

«Quando antes de hontem recebi pela manhan o «meu correio, achei o primoroso livrinho *A Velha «Lisboa e os estudos de archeologia da capital.*

«Tanto ao nome do Autor como ao titulo da Obra «sobravam motivos que me obrigaram a começar «desde logo a leitura:............. o assumpto, «isto é, o estudo das tradições lisbonenses, foi a mi-«nha occupação quasi exclusiva longa somma de «annos e faz-me sempre saudades. Li pois sem de-«mora estas 47 paginas tão substanciaes, tão ins-«tructivas, tão vibrantes de amor patrio e tão «nobremente justas para com os mortos.

«Este livrinho não se limitou a ser o indice, a re-«senha dos pesquisadores das antiguidades da capi-«tal; é bem mais do que isso; é uma galeria de re-«tratos com a critica sagaz e completa da tarefa «realisada pelos retratados.

«Para escrever essa serie de paragraphos foi in-«dispensavel lêr muito, pensar muito. A's vezes uma «phrase, uma palavra fugitiva está a revelar um se-«rão de leitura meditada e comparada.

«Era-me de todo desconhecido o engraçadissimo «zêlo da cidade de Verviers na pesquiza dos seus «annaes e na conservação das suas antigualhas;

«oxalá um tal exemplo fosse entre nós intendido «e seguido!

«Na respeitavel serie dos antigos cabouqueiros da «historia de Lisboa, encontrei-me com verdadeiros «mestres meus, de cujos livros me vali mil vezes «quando estudava Olisipo e Aschbouna. Parecia-me «agora reatar ligações da mocidade, e abraçar com-«panheiros de passeios estudiosos a travéz das ruas «pittorescas da primeira cidade de Portugal.

«Entretanto (devo dizel-o) quando na pag. 34 e «nas seguintes li assombrado a benevola apreciação «dos meus trabalhos impressos, senti muito que a «bondade do Autor e os seus enthusiasmos penin-«sulares o levassem longe de mais e offuscassem o «seu habitual criterio.

«As asserções d'essas aliás brilhantes paginas en-«vergonharam-me e humilharam-me a ponto de não «achar ainda expressões que fixem o meu agradeci-«mento.

«Nisto que digo com tanta franqueza, não vai falsa «modestia; juro-o; vai apenas justiça.

«O cabouqueiro da *Lisboa Antiga* não é o origi-«nal do retrato ideal pintado ali; é um operario, «nada mais; consciencioso decerto, mas de mesqui-«nhas forças para a grande obra.

«Alem d'isso, não teve a influencia, que na pag. 40 «se lhe attribue, sobre os estudos archeologicos oli-«siponenses; elle não é um chefe ou um guia; é, e

«foi sempre um seguidor dos seus predecesso-
«res. Entre todos elles é justo mencionar o bom e
«honrado Vilhena Barbosa. Esse sim; esse arrastou
«comsigo uma cohorte cerrada de trabalhadores e
«indagadores incansaveis. Não se calcula a influen-
«cia sympathica do *Archivo Pittoresco.*

«Peço muito e com o maior empenho ao..... Ri-
«beiro me não colloque litterariamente tão alto como
«o fez agora. Pouco (ou antes pouquissimo) habi-
«tuado a ver apreciar os meus pobres livros, sinto
«um arripio ao vêr as affectuosas exagerações da
«*Lisboa Velha.* São sinceras, é bem certo, mas en-
«ganosas.

«De nada valho; mas se o Auctor entender que
«posso ser-lhe util, peço-lhe conte comigo.

«Apenas possa irei pessoalmente apresentar ao
«...... Victor Ribeiro a expressão dos meus sen-
«timentos gratos; o que desejo é que considere que
«esta casa continua sempre ás suas ordens.

«.......................................

Lumiar
13 de Fevereiro
de 1916.

Adm.or e amigo obrigadissimo

JULIO DE CASTILHO

JULIO, VIZCONDE DEL CASTILLO

Era su vida humilde y trasparente cual si viviera en un palacio de cristal; era sencillo y bueno como un adolescente; era modesto y acsequible porque era un sabio.

Cuantas historias ignoradas se ván con su muerte.

Cuantas hazañas portentosas narró su pluma, cuantas arduas cuestiones ilustró con su basta erudiccion.

Las musas visten luto por su muerte; murió su hermano, el cantor de la hermosura, de las encantadas frondas de su tierra, de la trasparencia de sus rios que ya en languido desmayo ó en rapida corriente llevan á la mar sus añoranzas tristes, sus lembranzas pasadas.

El fué preceptor de principes, y maestro de los plebellos; aquellos aprendieron en él hidalguia y caballerosidad y justizia; estos religion y ciencia.

Yo me asomé a la trasparencia de los muros de su palacio de cristal y sorprendi tristezas en los mas hondos pliegues de su alma; lloraba, pero lloraba para dentro, sus lagrimas no resbalaban por sus mejillas, resbalaban abrazandole el corazon...

Portugal está de luto por su muerte, triste y apenado se queda su amigo y admirador

Badajoz, 1919.

El Marques de Torres-Cabrera.

CASTILHO II
POETA E SANTO

Estas duas qualidades que a alguns espiritos se antolharão discordantes, senão mesmo antagonicas, pois que uns — os poetas — teem a sua imaginação voltada para a doçura das coisas terrenas, para o amor, para as visualidades exhuberantes da natureza, para as graças estonteadoras da mulher, para a embriaguez dos sentidos, para os prazeres sensuaes, e para todas as profanidades que vão desde um pantheismo anti-christão ás subtilezas do parnasianismo requintado, ou do diabolismo *baudelairiano;* em quanto que os outros — os santos — sentem a sua alma elevar-se ás regiões de pura espiritualidade, e são attrahidos ao ascetismo, ás contemplações mysticas, ao desprendimento e á renuncia do mundo e das suas pompas, embora, repito, a alguem desprevenido pareça paradoxal querer reunir n'uma só individualidade tendencias apparentemente oppostas, a verdade é

que o Poeta que acaba de desapparecer era um Santo, e o Santo era um Poeta.

Estas duas manifestações da alma humana, longe de serem irreconciliaveis, teem bastas vezes apparecido na historia, reunidas em figuras de primeira grandeza, que os registos d'oiro da humanidade mencionam.

Santo Agostinho, o impetuoso latino do occidente, a mais eloquente voz do florilegio catholico, era poeta quando ainda pagão, e mais poeta é pelo que revela nas suas *Confissões* e na *Cidade de Deus*.

S. Francisco de Assis, o amoroso contemplativo da natureza, o doce amigo dos humildes e dos animaes, o crystal em cujas facetas só se reflectiam os aspectos enternecedores do mundo que o rodeiava, é um poeta, sobre tudo quando compõe os seus *Canticos espirituaes*.

Santa Thereza, a ardente carmelita de Avila, a alma incandescente, que se sente devorada pelas chamas de um violonto amor divino, é poeta nas suas visões, e o seu espirito enche de poesia as paginas da chronica da sua ordem.

Nun'Alvares, o *Santo Condestavel*, soldado e cenobita, a mais genuina e pura manifestação da raça portugueza — heroico e mystico —, é poeta á sua maneira.

E quantos mais no *Flos Sanctorum*, ou nas agiographias christãs, que não martellaram versos,

é certo, mas cujos corações vibraram ao sopro de correntes sentimentaes, como instrumentos reveladores de puro lyrismo.

O poeta das *Manuelinas* não era (e ainda bem para a arte) um porta-voz de doutrinas religiosas, ou de concepções theologicas reduzidas a estrophes soporiferas.

A sua obra não tem pretensões didacticas ou intuitos de proselyteismo. A sua arte é sã, os seus sentimentos sempre puros, mas não vestem batina nem usam sobrepeliz. Tem a attracção da bondade, sem o pezo do sermão.

Julio de Castilho era um Santo amavel, e não um catechista façanhudo.

Intransigente para comsigo proprio, tinha todas as tolerancias para com os actos dos outros, em quanto não offendiam a Divindade; não atacavam o seu Pae, o grande Castilho; e não erravam um verso ou estropeavam a grammatica. Para esses não tinha indulgencia.

O triangulo d'aquella alma assentava firme sobre esses trez sentimentos basilares: *Deus — o Pae — a Arte.*

*

* *

Em Deus via o principio e o fim de todas as coisas, via a entidade creadora que, presidindo ao

movimento universal, dispensa contudo a cada individuo uma protecção divinamente benevola; via em Christo a encarnação de todo o bem, e sentia a poesia do christianismo com mais intensidade e menos emphase que Chateaubriand, com mais sinceridade que Lamartine, com mais graça, que a das rajadas de A. Herculano na *Harpa do Crente.*

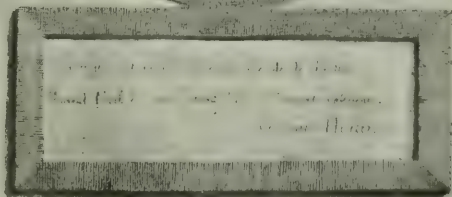
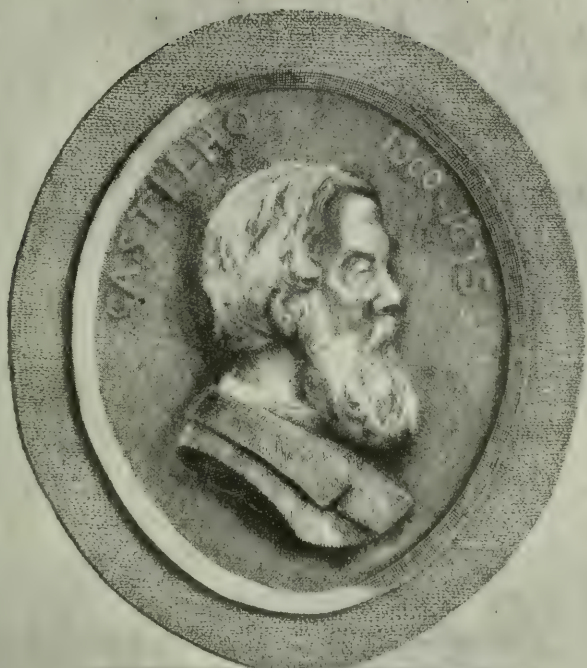
Quanta vez o surprehendi embrulhado no seu ferragoulo, gizando um dos *Fastos,* e tendo em frente: um Crucifixo e o retrato do Pae.

Quem o retratasse então tinha synthetisado as faces typicas d'aquella attrahente personalidade, tinha-o apanhado em flagrante, no exercicio pleno da sua actividade psychica.

*

* *

No Pae via a mais acabada expressão de todas as perfeições, que em si póde reunir uma creatura humana.

Visite-se a sua habitação, emquanto se não dispersam os moveis e objectos familiares, que a recheiavam; leiam-se as *Memorias de Castilho,* percorra-se a correspondencia (cuja publicação se devia emprehender, pois constituiria um verdadeiro monumento digno da memoria de Castilho II) e ver-se-ha a veneração elevada á idolatria, o culto

Castilho

Desenho á penna feito por Julio de Castilho, no Lumiar, em 1914, aos 74 annos de idade, como se vê escripto no desenho pelo proprio auctor

da saudade exaltado até á paixão, a admiração pelo talento d'aquelle patriarcha das lettras, traduzida n'um enthusiasmo sem barreiras.

O enternecimento dedicado ao querido cego só tinha comparavel o seu deslumbramento pelo engenho d'aquelle, que considerava um genial vidente. Retratos a oleo que, á mingua de technica perfeita revelam no pintor uma parcella d'aquelle somnambolismo concentrado, que absorvia o Tintoreto em quanto retratava a propria filha morta; bustos piedosamente modelados representando as feições do Pae durante as horas de labor intellectual; entalhes de madeira reproduzindo em relevo a physionomia do grande Castilho; tudo, tudo n'aquella casa testemunhava o culto ardente de uma piedade filial sem precedentes na historia.

Entre as cartas de Julio de Castilho, que conservo carinhosamente, e que releio agora com saudosa comoção, ha uma, que, por ser redigida em termos excessivamente benevolos para mim, me abstenho de transcrever na integra, mas que é significativa.

Dizia-me n'ella que fôra convidado pela Direcção da Empreza de publicação intitulada *Grandes vultos Portuguezes*, para escrever um volume relativo ao Pae.

«Já sahiu (diz elle) D. João de Castro e vão sahir Gil Vicente, Affonso de Albuquerque, João de Bar-

ros; e os homens desejavam que eu me encarregasse do volume — *Castilho.*

«A primeira impressão foi boa; pareceu-me dever dar conta rasoavel do recado, e annui. Depois entrou a reflexão e vi que tinha sido imprudente. Um filho pode escrever *Memorias,* mas não sabe escrever *critica.* Ha homens de quem é mais facil escrever muito do que pouco; escrevi onze volumes de *Memorias de Castilho,* e não posso escrever um pequeno volume de apanhados. Bem sei que Braz de Albuquerque escreveu os Commentarios do Pae; e tão honestos lhe sahiram que fazem fé em juizo; mas eu no nosso tempo de critica livre, critica insolente, dou-me por suspeito e tenho medo que o meu coração me extravie. Escrevi pois ao Baião em muito bons termos com mil argumentos e desliguei-me. Para me substituir tomei a liberdade de apontar o teu nome...»

Seguem-se as mais desvanecedoras palavras; e termina dizendo: «Não digas que não.»

E a resposta, (confesso-o com pena, mas sem remorso) foi uma negativa.

E' que para fazer um trabalho consciencioso ácerca do vulto litterario que foi Castilho I, além de me faltarem outras qualidades de escriptor, carecia de proceder a um estudo completo das duas epochas de litteratura, entre as quaes o poeta foi élo.

Ainda não tinham emmudecido os echos da voz da Marqueza de Alorna, a formosa Alcipe da Arcadia, e já se annunciavam os threnos da *Voz do Propheta*.

Na tempestade do Romantismo fuzilaram então relampagos de intensa luz. E Castilho que, ainda um pouco antes, colhêra applausos com os *Ciumes do Bardo*, veiu logo depois a ser pontifice na cathedral romantica, em cuja communidade exerceu poderosa influencia.

Fazer a critica das duas gerações seria escrever um seculo de historia litteraria. Já isso era tarefa arrojada.

Mas, muito mais melindroso ainda se me affigurava, fallar com imparcialidade da *Questão Coimbrã*, em que a personalidade do mestre foi tão discutida.

E, se, depois de todo este labor preparatorio, tivesse a envergadura sufficiente para compôr um livro; e se este livro constituisse a glorificação do illustre poeta, não seria ainda assim bastante caloroso o meu testemunho para satisfazer completamente a expectativa do filho.

Preferi portanto pedir, que me dispensasse de tão delicada tarefa, allegando a razão, aliás verdadeira da minha incompetencia.

Não se resentiu, porque a sua magnanimidade era incommensuravel.

Eu é que conservei sempre o pezar de não ter

podido satisfazer o empenho do amigo, tão carinhosamente expresso.

*
*   *

A par d'estas duas grandes paixões, e entrançando-se ou confundindo-se com ellas, o amor da arte tomava-lhe por completo a alma. A arte em todas as suas manifestações, no impulso de crear belleza.

Mas, entre as artes, principalmente a das Bôas lettras. E, de entre estas — a Poesia.

A poesia, não só caldeada no verso, que é a sua expressão mais nobre, mas a poesia que se revela em formosear a historia, em espiritualisar a archeologia, em sugar vida entre documentos pergaminaceos, em espalhar luz violeta sobre ruinas desmanteladas, em extrahir da heraldica e da genealogia motivos de drama ou de idyllio, em adivinhar o sentido das lendas, em auscultar o coração das estatuas adormecidas ha seculos sobre os tumulos de pedra, em reconstituir scenarios de côrtes régias, em tirar da indumentaria effeitos de elegancia e de graça, em farejar nos meandros da cidade antiga vestigios de gerações extinctas.

Quem lêr as obras dramaticas de Julio de Castilho, os seus romances, os livros de archeologia artistica e historica, ou seja a *Ribeira de Lisbôa,* ou essa *Lisbôa Antiga* a que elle queria tão pro-

fundamente, e que é talvez o seu melhor titulo de gloria, sentirá quanto a sensibilidade de um poeta póde derramar encanto sobre os assumptos em que toca, ainda os mais aridos.

Pois se até na organisação de *indices* de obras classicas conseguiu fazer obra de poesia, levando com elles a nossa curiosidade pelos canaes convidativos, que vão dar ás obras de Gil Vicente e á chronica de Frei Luiz de Sousa!

E quem ler o *Ermiterio*, os *Fastos*, as *Manuelinas*, sobretudo estas ultimas, verá de que fina tempera era forjado o buril d'esse meticuloso lavrante do verso portuguez.

Propositadamente escrevi o adjectivo *meticuloso*, porque a sua intransigencia em materia de metreficação tocava as raias do exagêro. Um verso menos perfeito arripiava-o como o ranger de lima de ferro em serra embotada.

Lembra-me de uma vez que, (andava elle então a publicar os *Fastos* no Instituto de Coimbra) abrindo um fasciculo da Revista deparou com uma tropelia dos typographos que lhe arranhou o ouvido. E desesperado logo me escreveu:

«Desconto o gosto de me vêr impresso, por um verso errado que lá sahiu........ e logo no trecho-Castilho:

Este nos honre e elle só valha por todos.

Horror! Horror!

Devia ser:

> Este nos honre, e, só, valha por todos.

Escrevi para lá pedindo errata. Meu Deus, eu posso fazer versos fracos e banaes, mas errados nunca os fiz.»

N'este caso foi um maleficio typographico que o exasperou.

Mas quando o seu olhar, aliás benevolo, cahia sobre trecho de versejador descuidado, ou rebelde aos preceitos, enfurecia-se contra o misero.

Era uma verdadeira phobia originada nos atropellos dos preceitos, que o uso e os mestres da arte teem decretado.

Então nas exigencias ácerca do soneto, era intratavel. Quem não acatasse as regras merecia ser condemnado.

Queria os sonetos perfeitos, todos em terminações graves; queria que se excluissem os versos agudos; queria que nunca se repetisse a mesma palavra em todo o soneto; queria que a distribuição da materia fosse harmonicamente distribuida pelos quatorze versos; queria que fechasse com chave d'oiro... queria emfim que merecesse ser-lhe applicado o aphorismo exarado no famoso verso:

> *«Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème.»*

Ora tropeçando a cada passo já nos jornaes, já nas Revistas, já mesmo em livros, com sonetos aleijados sacca um dia da férula e desfecha a seguinte palmatoada:

AOS SONETISTAS MODERNOS

«Se alem-campa, do Ceo na eterna estancia,
lê Bocage os sonetos de hoje em dia,
ha-de inflammar-se em cólera tardia,
e olhal-os com suprema repugnancia;

fracos na ideia, còxos na elegancia,
na rima pobres, baldos na harmonia,
relé bastarda, impando de ousadia,
presados só da barbara ignorancia.

Elmano vingador, ¡sus! ¿porque esperas?
vibra a satyra audaz, confunde o vício,
troa, como troavas noutras eras.

E elle: — Deixa-os no estupido exercicio.
¿Zangar-me eu? não; mas digo, e a rir de véras:
Outro officio, meninos, outro officio.»

Em polemica amigavel eu, por vezes increpava-o de exagerado nas suas exigencias, que sujeitavam a tratos o pensamento, até por vezes com prejuizo da esthetica.

E allegava que a Musa, que elle nos queria dar

como figurino, andava comprimida n'um espartilho da fabrica de Boileau, e calçada com as apertadas fôrmas da Sapataria Classica.

Pobre Musa que suspirava com saudades do *Peplum* de pregas largas, denunciador de puras linhas plasticas, e do cothurno atheniense, que deixa vêr o pé bem modelado e apto para caminhar com nobreza nas avenidas do Parnaso.

Elle, porem, retroquia que com estas e outras razões é que a arte andava á matroca na Feira da Ladra das lettras.

E terminava sempre: «Convençâmo-nos de uma coisa: — o classico é eterno».

D'estas disputas incruentas em que, diga-se de passagem, eu dava a deixa principalmente com o engodo de ouvir a licção, separavamo-nos sempre mais amigos.

Não era só ensinamento ou sã doutrina sobre pureza de linguagem, que eu d'elle ouvia.

Eram incitamentos animadores, como os que se leem n'uma carta, em que elle me dava este affectuoso empurrão:

«Como me dizia sempre meu Pae, devemos tomar as tarefas litterarias, não só como cumprimento de dever moral, mas tambem como allivio aos dissabores da existencia. Olha o que diz Plinio; e sobretudo o que fez o incomparavel Cicero atirando-se ao trabalho nas occasiões em que o

grande coração d'elle mais padeceu nas crises politicas e nos desgostos domesticos.

«Quem sente cá dentro o *deus in nobis* não pode nem deve cruzar os braços. Se depois d'aquelles nomes posso fallar de mim, peço-te que notes que passando pela provação mais cruel me entrincheirei com uma valentia sem egual nas pesquisas extenuantes da *Lisboa Antiga,* da *Ribeira de Lisboa,* do *Vieira Lusitano,* dos *Dois Plinios,* e das complexas e absorventes *Memorias de Castilho.*

«Trabalhei como um macho de americano em dia de feira de Belem, mas venci-me a mim proprio que é a victoria mais difficil de alcançar.»

E exhortava-me carinhosamente a que trabalhasse.............

*

*   *

Se eu me escutasse, em vez de ter composto este arrasoado, que alinhavei unicamente para corresponder á amavel solicitação que me foi feita, ter-me-hia de preferencia limitado a transcrever trechos da correspondencia tão interessante do amigo e do mestre, sem os adubar com phrases da minha lavra.

Assim, ficaria desenhada por elle proprio a vera effigie do Visconde de Castilho II.

Mas como isso pareceria um expediente facil para me desonerar com pouco trabalho de um encargo

honroso, sujeitei-me a trazer aqui o meu depoimento.

Não é, como se terá visto, um estudo sobre o homem de lettras, nem um esboço do seu retrato moral.

E' apenas a homenagem a uma das mais formosas almas com que tenho topado na minha jornada por este mundo — a de Castilho — Poeta e Santo.

Santo Amaro.
Abril 1919.

CONDE DE SABUGOSA.

JULIO DE CASTILHO

JULIO de Castilho!

Nome que é um simbolo!

Simbolo de crença, de bondade, de caracter, de inteligencia, de ilustração, de trabalho, — de todas quantas boas qualidades podem tornar uma individualidade prestigiosa aos olhos d'aquelles que, á luz das Verdades Eternas, (e só a essa luz), apreciam os homens e os factos.

Tudo se reuniu n'aquelle espirito de eleição para o transformar n'um vulto integral.

Tudo?

Tudo, não!

Tudo, — menos a felicidade, de que tão merecedor foi, e que tão madrasta sempre lhe presidiu á vida....

Lisbôa, 8 de Março de 1919.

VISCONDE DE S. BARTOLOMEU DE MESSINES.

UM ALVITRE

Acabaram as minhas romarias ao Ermiterio do Lumiar; acabaram as palestras instructivas, encantadoras e affectuosas; acabaram os conselhos paternaes; morreu o Ermitão, o meu venerando mestre, o meu grande amigo, o meu querido compadre.

Morreu o escriptor erudito e vernaculo; o inspirado poeta dos *Primeiros Versos*, d'*O Ermiterio*, das *Manuelinas* e dos *Fastos Portuguezes;* o historiador e investigador benedictino da *Lisboa Antiga*, d'*A Ribeira de Lisboa*, dos *Amores de Vieira Lusitano* e d'*Os dois Plinios;* o notavel romancista das *Memorias dos Vinte Annos*, do *Amor de Mãe* e da *Mocidade de Gil Vicente;* o insigne dramaturgo de *D. Ignez de Castro;* o piedoso chronista das *Memorias de Castilho*, grandioso e verdadeiro monumento de incomparavel amor filial.

Morreu um grande patriota, um verdadeiro homem de bem, um grande e diamantino caracter;

morreu Julio de Castilho, visconde de Castilho e este doloroso acontecimento constitue uma perda nacional.

Quiz o illustre extincto que os seus restos mortaes fossem sepultados livremente em cova rasa, para que a terra consumindo toda a materia que constituira o seu ser, d'elle só ficasse a memoria no coração dos seus amigos.

A sua derradeira determinação foi cumprida fielmente. Jaz n'uma cova sob o n.° 2:094 no cemiterio da freguezia de S. João Baptista do Lumiar.

Mas não basta que a sua memoria fique gravada piedosa e affectuosamente no coração dos seus amigos.

Os homens da grandeza moral e intellectual de Julio de Castilho não podem dispôr de si em absoluto; pertencem tambem aos seus amigos, aos seus admiradores e aos seus compatriotas, e a estes cumpre por dever, gratidão e justiça, perpetuar-lhes a memoria com as homenagens de que são dignos.

Lembrarei aqui, portanto, o que alvitrei em sessão de Direcção, na Associação do Archeologos Portuguezes, no dia 3 de corrente mez:

No largo de Santa Luzia, que assenta sobre um trôço da muralha Fernandina, trêcho da velha Lisboa, que o municipio vae mandar ajardinar, levante-se por subscripção aberta entre os amigos

e admiradores de Julio de Castilho e por iniciativa da referida Associação que pedirá o auxilio indispensavel á Camara Municipal, um modesto mas artistico monumento consagrado á sua memoria.

N'aquelle local ficará bem, a meu ver, o monumento do erudito excavador e eminente chronista olisiponense, e a cidade de Lisboa pagará assim uma divida de gratidão a um filho illustre que tanto amor e estudo lhe dedicou.

E vós, meu querido e grande amigo, cuja saudade que me deixaste commigo morrerá, perdoai-me se, com este alvitre, ouso desacatar a excepcional modestia que vos caracterisou durante toda a vida; mas acima de tudo, está a justiça a que tendes direito.

Campolide, 23 de Março de 1919.

ANTONIO CESAR MÊNA JUNIOR.

Errata importante

Onde se lê *muralha Fernandina*, leia-se *muralha mourisca*. Foi um lapso que me apresso a rectificar.

A. C. MÊNA JUNIOR.

O VISCONDE DE CASTILHO

IMPRESSÕES D'UM VELHO AMIGO

JUNTANDO-ME á legião dos que veem, n'este monumento, contribuir para a homenagem á memoria do grande portuguez, que foi o segundo Visconde de Castilho, não hesito em classificar-me de *velho amigo*.

Tinha mais uns trinta annos do que eu e ha cerca de trinta annos que o conhecia, mantendo as mais intimas relações pessoaes e ainda litterárias, não obstante a differença de credos politicos, direi dynasticos — que outra barreira não houve na nossa maneira de ver n'este emmaranhado assumpto de que é bom fugir ante a magestade suprema da morte. Fujamos, pois, de vez. Se, por acaso, o encontro d'alguma personagem me obrigue a uma referencia, ou ao emprego da maldita palavra, que perverteu os cerebros portuguezes, desde já o declaro que o faço sem outro designio, além do do-

cumental. E mesmo essas personagens que aqui poderão surgir, são de moldes altivos, de incontestavel nobreza de sentimentos, irmãos na honra e no brio, bons e dignos portuguezes!

A primeira vez que o vi!... Que saudade immensa isso me faz! Foi em Sacavem, nas festas do Espirito Santo, em 1890 ou 1891. Impressionou-me aquella figura nobilissima, que se juntava a outras desconhecidas e de egual destaque.

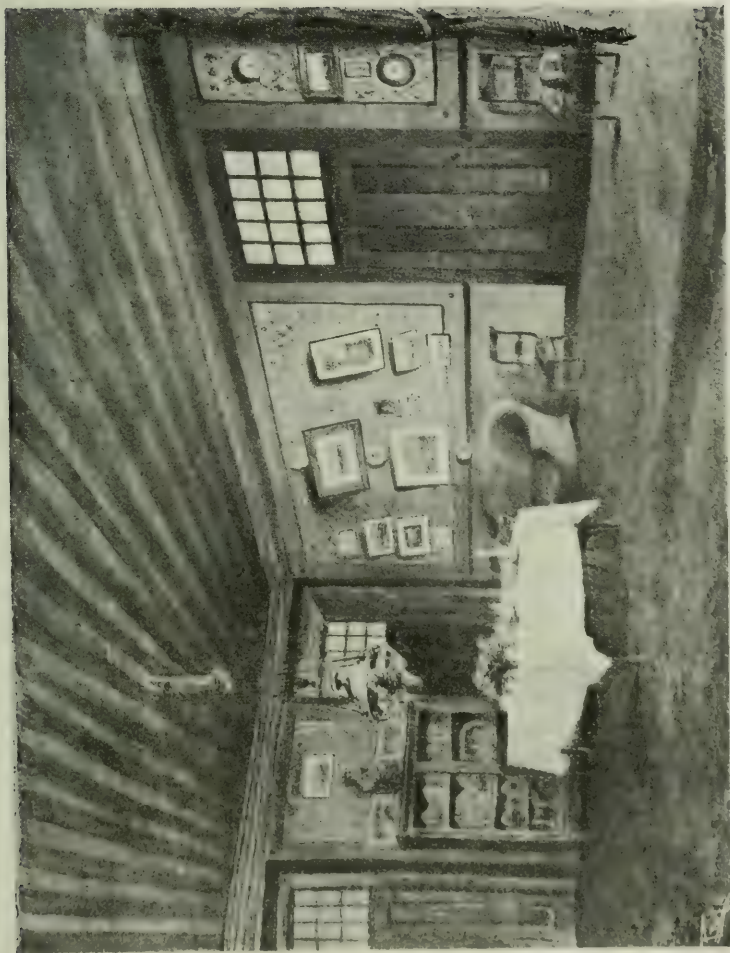
Indaguei quem era.

— É o Visconde de Castilho, disse-me uma pessoa de origem nobre, com antepassados illustres na vasta galeria das armas, das lettras e da sciencia.

— Filho do grande poeta?...

— Sim; e tem a *mania de escrever;* não se importa de mais nada, passa a vida escrevendo.

Confesso que me desagradou esta forma de se expressar, quanto mais partindo de alguem que tinha por obrigação, de adejar bem alto, n'essas alturas próprias da sua familia.... Decorridas algumas semanas, vindo a Lisboa, entra em Sacavem no mesmo compartimento em que eu viajava, o Visconde, trazendo em sua companhia o saudoso João Caetano Pato Infante de La Cerda, seu particular amigo e um dos mais queridos de meu pae. Foi elle quem me apresentou.

Datam d'ahi as nossas relações, que se tornaram cordeaes e dentro em pouco bem intimas, graças á

Casa de iantar de Julio de Castilho na Quinta da Victoria (Sacavem)

(Reproducção de uma aguarela de Julio de Castilho feita em 1892)

sua bondade e a certas affinidades dos nossos espiritos—ambos paladinos do culto da tradicção. Tornei-me familiar da sua casa, quer em Sacavem, quer em Carnide, Ameixoeira ou Lumiar.

Que deliciosos momentos alli passei!

Sahia de lá com a alma purificada, alheio ás maldades e torpezas do mundo e aprendendo sempre alguma cousa; pois quem d'elle se acercava algo colhia da vasta messe do seu saber.

Antes das luctas que tiveram por epilogo o regicidio e a implantação da Republica, nunca tratámos senão de motivos tradicionaes e archeologicos da historia patria, suavisados pela sua interessantissima e encantadora cavaqueira portugueza, herança legitima d'esses bons tempos em que se passavam as horas falando e instruindo, sem que se dissesse mal de pessoa alguma....

Porque — fique-se sabendo — o Visconde de Castilho, sendo um optimo cavaqueador, era tudo menos um má-lingua ou um critico de *Café*.... Nunca o foi, nem depois da mais terrivel convulsão politica de Portugal, em que as suas affeições e as suas crenças soffreram um cruel golpe.

O Visconde manifestava o seu desgosto, ora com chiste, ora com azedume ligeiro e delicado; e no decorrer da conversa, acudiam-lhe os vultos mais eminentes do seu tracto, desde o primeiro Duque de Palmella, D. Pedro de Sousa e Holstein, que,

menino, conhecêra no palacio e quinta do Lumiar — defronte do qual exhalou o ultimo suspiro — até D. Antonio da Costa, o seu grande amigo, por quem tinha um culto devotado, só excedido pela extraordinaria veneração á memoria de seu pae — *Castilho «o grande»* — como elle usava tractal-o!

Homem de sociedade e homem de lettras, era curiosa a evocação das mais altas individualidades de ambos os campos, — o legitimista e o liberal — merecendo-lhe, até, especial estima os marechaes do opposto em que nascêra e que eu sigo, com benevolencia da sua parte.

Fôra intimo de João de Lemos, de Antonio Pereira da Cunha e de seu filho Sebastião, de Lucas Castello, do Visconde de Jeromenha e mais alguns que eu tambem conheci e tractei, guardando de todos uma saudade infinda, no escrinio do coração. Seu pae, o inolvidavel Antonio Feliciano de Castilho, primeiro Visconde de Castilho, fora, outrosim, o maior amigo de Antonio Ribeiro Saraiva, o intransigente miguelista, que, depois de 1834, nunca mais quizera pisar o solo portuguez sob o dominio de outra bandeira, que não era a do velho Portugal.... Julio de Castilho admirava-lhe a intransigencia, que, apoz o 5 de Outubro, imitou condignamente, merecendo o respeito dos mais ousados e intolerantes adversarios. A sua dedicação

ao throno cahido egualava a tenacidade do seu trabalho litterario e artistico.

Só na doença o vi ocioso, se é que se pode chamar ocioso a um homem que, por intermedio da sua palavra erudita e vernacula, os outros instruia na amena palestra da sua casa, na fraternal convivencia dos seus livros.

Merece estudo comparativo a sua obra de investigação e de poeta e a sua obra de artista. Estou em dizer que a esta ultima queria mais. De todas é a menos conhecida, sendo de justiça e de necessidade uma exposição publica, para que se avalie o merito do illustre representante d'uma das mais indiscutiveis glorias da nossa terra.

Isto e uma nova edição popular da *Lisboa Antiga,* dirigida pelo seu velho amigo e companheiro Dr. Xavier da Cunha e pelo Sr. Gustavo de Mattos Sequeira, cuja competencia elle reconheceu, constituiria a mais alta homenagem ao seu talento e aos seus serviços. Ha muitissimo que aproveitar no que deixou feito, na vastidão dos seus apontamentos, collecionados com methodo e sciencia, não fallando na honestidade, propria do seu caracter.

Conheci-o bem!...

Ouro de lei, crystal preciosissimo, cujo brilho espanta uma geração acostumada ao tracto quotidiano de egoismos e de baixezas. Era um grande homem, de uma grandeza completa, desde o saber

á lisura e ao desinteresse. Viveu na penumbra, detestando o reclamo, satisfeito com o seu labor e com a sua consciencia.

Amigos o procuravam, buscando os encantos do seu convivio. A todos recebia de braços abertos e a todos auxiliava, se lhe sollicitavam o auxilio.

Esse retrahimento a que se votára depõe de uma forma indiscutivel em pról dos seus meritos. Hoje, quem não se exhibir, esquece. Para que o Visconde triumphasse no seu Ermiterio, é preciso que a avalanche de talento rompesse a muralha da solidão. N'ella nos eucontrámos e abraçámos muitas vezes, e a maior honraria da minha vida, confesso, é elle ter-me dado, sob o cunho da mais absoluta sinceridade, o titulo de amigo...

Cortegana, 3-IV-1919.

João Franco Monteiro.

CASTILHO, FIGURA DO PASSADO

Julio de Castilho professava ardentemente o culto da Bondade, da Honra, da Patria e das Lettras, e tudo a esse culto sacrificou.

Era, por isso, tão alta e tão nobre a sua estatura moral, que nos sentiamos levados a considerá-la uma ressurreição do passado, — daquelle passado que elle tanto se comprazia em evocar, com a sua profunda erudição de archeologo e a sua delicada sensibilidade de artista.

Abril de 1919.

D. José Pessanha.

¡QUIEN COMO TU!

ELEGÍA EN PROSA A LA MEMORIA
DEL VISCONDE DE CASTILHO

Siento tu partida, inclito varon, porque ya no volverán a irradiar sobre mi espíritu contristado la luz de tu ciencia ni la ambrosia de tus bondades. Mas por lo que a ti respecta, te felicito.

Paladin infatigable de los mas sublimes ideales, te viste arrollado al fim de la jornada por el hórrido ciclon que arrasa el mundo... ese mundo convertido por el conjuro de Satán en sangriento *expoliarium* de todo cuanto amaste, por donde cruzan triunfantes en diabólica algarabia el ódio, el incendio, la matanza, la traicion, la concupiscencia, el hambre, la venganza, la anarquía, y cuantos males encerró en su seno la caja de Pandora, predicados como el *summum* de las perfecciones humanas por reprobos y precitos.

Dichoso tu, que rompiendo las cadenas de esta insoportable esclavitud, volaste al inmortal seguro, donde habrás encontrado la fé, la caridad, la templanza, la justicia, el amor al projimo, y cuantos dones vivificaron e hicieron grata la existencia, desterrados ya de este mundo en disolucion, que solo aguarda el choque de otro planeta para acabar sus dias nefandos.

Para ti ya ¿qué importa todo?...

Libraste el trance amargo de la muerte, y estás —¡no hay quien lo dude!—junto al trono del Señor.

¡Quien como tu!

Cáceres (España).

PUBLIO HURTADO.

CARTA DO SENHOR ARCEBISPO D'EVORA

Évora
3 — Abril — 1919

Rev.^{mo} Snr. Prior do Lumiar

Bem tenho desejado satisfazer ao honroso convite que V. Rev.^{ma}, ha já alguns dias, me dirigiu, pâra collaborar em um livro que se projecta *in memoriam* do nosso commum amigo e meu venerando e saudoso mestre Visconde de Castilho; mas, assediado pelos multíplices e quotidianos cuidados e trabalhos pastoraes, cada vez mais oppressores e angustiosos, tenho deixado, a meu pesar, fugir os dias sem podêr dar conta de mim. Espero ser relevado da involuntária tardança.

O pensamento de se publicar essa homenagem ao grande polýgrapho que continuou a fazer brilhar no mundo das letras o immortal nome de *Castilho,*

não podia menos de merecer todo o meu sincero applauso.

Occorreram-me logo as palavras do sábio Sirácides — «*Laudemus viros gloriosos*».

E a Júlio de Castilho póde e deve, de pleno direito e sem lisonja pósthuma, dar-se a qualificação de *varão glorioso:* — que ao claro talento, à sólida e variada erudição, ao estro e bom gôsto poético, à vernaculidade do dizer, ao amor dos nossos melhores modêlos de prosa e verso, ao labor de investigações, ao fino critério de observador, à infatigavel e quási direi apaixonada actividade litterária, — em summa, aos mais insignes dotes de espírito reuniu os mais altos predicados moraes, constituíndo raro conjunto, que a um tempo impunha a admiração e a veneração.

Crente esclarecido e sincero, coração de ouro sem liga, caracter nobre e austero, português de velha têmpera, — «*de um só rosto e uma só fé*», — alma perfumada de virtudes, entre as quaes, se lícito me é singularizar alguma, aponto a profunda modéstia, ou antes, christã humildade de que, vivo e morto, deixou exemplos edificantissimos......
...... Mas atalho-me, que não sou eu pintor pâra acabar êste bosquejo.

Lembrei-me, porêm, que retratista melhor não poderiamos encontrar do que êlle próprio. E em muitos de seus mais admiraveis lineamentos o vejo,

com effeito, retratado nessa carta com que fui honrado pelo illustre mestre, e que a V. Rev.ᵐᵃ confio pâra, se assim parecer bem, ser reproduzida no projectado livro.

Este é o meu contributo, e não me seria facil offerecer outro mais valioso.

Essa e outras cartas, que preciosamente archivo, do nosso pranteado amigo mostram que era êlle tambem um primoroso epistológrapho; e que, a despeito da idade e dos achaques, revellava um são e encantador humorismo.

Por minha parte, deixe-me accrescentar sómente que, colhido no dilemma de faltar ou à obediência ao mestre ou às leis da cortezia, passei a escrever nos sobrescriptos, como talvez V. Rev.ᵐᵃ tenha visto: — Illustrad.ᵐᵒ Snr. Visconde de Castilho —.

Como ministro da Religião que êlle com tanto desassombro professava, tenho-lhe suffragado a alma; e como humilde discípulo e affeiçoado amigo, conservarei, *vita comite,* no coração agradecido a funda mágua e a perenne saudade que a sua perda me causou.

Nesta communhão de sentimentos com os de V. Rev.ᵐᵃ, me assigno, com m.ᵗᵃ consideração e aprêço,

de V. Rev.ᵐᵃ
m.ᵗᵒ att.ᵒ ven.ᵒʳ e am.ᵒ obrg.ᵈᵒ

✝ AUGUSTO, ARCEBISPO D'ÉVORA.

— Carta do Visconde de Castilho —

Ex.^{mo} e Rev.^{dmo} Senhor

«A amabilissima carta, com que V. Ex.^{cia} Rev.^{dma}
«me honrou, neste momento recebida, penhora-me
«o mais possivel.

«Começo por agradecer a V. Ex.^{cia} a promptidão
«com que teve a bondade de dar andamento na
«Bibliotheca de Evora á pretensão do bom Padre
«C...... Acho extranha e extranhissima a difficul-
«dade em obter a cópia neste tempo de tão apre-
«goadas liberdades.

«...

«............... Seja como fôr: ainda que não
«possamos obter essa curiosa carta do seculo XVII,
«nem por isso fico menos grato a V. Ex.^{cia}, a quem
«devo tantas e tantas provas de amisade.

«Recebi o Boletim Eborense. Está muito bem
«principiado; gostei do espirito christão e paternal
«que anima aquellas paginas, onde se reconhece a
«influencia do admiravel Prelado.

«Aprecio quanto posso o muito trabalho de V.
«Ex.^{cia} na direcção da sua Sé.

«Hoje em dia, no meio do temporal que nos ator-
«menta, é medonha a tarefa do homem do leme.
«Quanta sciencia, quanta virtude, firmeza, perseve-
«rança, são necessarias! Felizmente V. Ex.^{cia} pos-

«sue todos os requisitos, e toda a gente lhe faz jus-
«tiça.

«Em se falando na Archi-Diocese de Evora, ha
«sempre um côro de louvores.

«Agora outro pedido:

«Tenho pena de que em Portugal se não con-
«serve o uso antigo, de dar a cada um o tratamento
«social que lhe compete. Os nossos avós davam
«*Excellencia* a quem a tinha; a *Senhoria* e a *Mercê*
«(aliás distincções já elevadas) iam a quem as go-
«sava de direito. Hoje reina a *Excellencia* e inun-
«dou tudo. Detesto este pessimo costume, e tenho
«obtido dos meus amigos que me dêem no sobres-
«cripto o meu tratamento legal, que é *Senhoria*.

«Ill.^mo^ Snr. é o que me compete duas vezes:
«uma, como Moço Fidalgo com exercicio, e a ou-
«tra como Visconde.

«Repugnava aos meus instinctos de probidade e
«justiça, e independencia, ver que amigos meus,
«Grandes do Reino, me davam por favor o trata-
«mento que a elles pertencia.

«O Conde de Sabugosa, por exemplo, não queria
«ceder, mas tapei-lhe a bocca, e obriguei-o a obe-
«decer em nome da logica, dizendo:

«— Dás-me *Excellencia*, que não tenho; logo,
«fico-te devendo um favor. Quero retribuil-o, e
«passo então a dar-te Alteza Serenissima, que te
«não compete.

«Não achou que responder, e conformou-se.

«Peço pois muito, e com todo o empenho a «V. Ex.ª Rev.ma o favor de me apear do pedestal «nobiliarchico em que me põe. Se o meu avô, por «exemplo, escrevesse a um dos antecessores de «V. Ex.ª em Evora dava-lhe Ex.ia Rev.ma; se o se-«nhor Arcebispo lhe respondesse dava-lhe *Senho-«ria,* ou *Mercê,* e elle achava justissimo.

«Eu, que sou um reaccionario nos usos e costu-«mes, eu que sou o cabouqueiro da *Lisboa Anti-«ga,* não posso adaptar-me a este uso demolidor e «democratisador; conservo sempre que posso o «protocollo velho, e vejo na diversidade dos trata-«mentos uma homenagem á diversidade das clas-«ses e das posições. Tenho a doce esperança de «que em alguma outra vez que V. Ex.cia me honre «com as suas lettras, eu veja no sobrescripto o meu «nome V. de C. e mais nada.

«Eu sou tão partidario do antigo, que imaginei «largar as pennas de aço, e adoptar as de pato. «Esta carta o prova; mas confesso que a minha «bonita calligraphia (unica prenda de que tenho «orgulho) se ressente da troca. Isto não são lettras, «são borrões. Volto á penna de metal, que faz gros-«sos e finos.

«Transijo com a penna moderna, mas não tran-«sijo com o uso absurdo de receber tratamento «illegal.

«Faça-me a vontade, meu bom Senhor Arcebis-
«po. E por hoje basta de borrões.

«Renovando os meus agradecimentos, beijo o
«anel de V. Ex.^{cia} Rev.^{ma}, e sou sempre, e cada vez
«com mais motivos,

Lumiar,
15 de Janeiro
de 1917

todo seu

CASTILHO, JULIO.

O 2.º VISCONDE DE CASTILHO CATHOLICO PRATICO

A personalidade do Visconde Julio de Castilho offerece bellos aspectos dignos de estudo e que podem considerar-se modelares n'uma sociedade bem organisada. Mas, em todos esses aspectos, brilha, de modo inconfundivel, o caracter formado nas crenças religiosas definidas, abraçadas em toda a extensão do seu ensino e admiradas em toda a luz da sua divina formosura.

Se uma educação primorosa favoreceu o seu culto por todos os grandes ideaes, ao passo que o meio de exhuberancia litteraria e artistica em que viveu os seus primeiros annos lhe amadureceu o talento que tomou largo desenvolvimento de planta em zona tropical, é certo que o estudo proprio e reflectido, a experiencia dos homens e das cousas, o bom senso e o espirito de coherencia fizeram de Julio de Castilho um *catholico pratico,* sem um

desvio, sem uma vacillação, tornando-o uma lição viva da mais austera dignidade n'uma sociedade, como a actual, cheia de preconceitos, de incoherencias, de vergonhosissimas transigencias.

Sensivel a todas as obras de caridade, exacto no cumprimento dos deveres religiosos, baseava n'estes todos os outros deveres sociaes. A propria affabilidade, caracteristico do seu porte distincto, inspirava-a sempre a sua consciencia.

Nas suas expansões, entre amigos, conhecia-se facilmente a linha recta do seu pensar. E na sua freguezia do Lumiar, só por motivo de grave doença deixava de assistir á missa, ás festas e a outros actos religiosos. Vi-o muitas vezes envergando a capa vermelha dos irmãos do Santissimo e rejubilar com a prégação da palavra de Deus que elle ouvia, com egual respeito e interesse, ou a prégasse orador de fama ou o mais modesto parocho d'aldeia. E, referindo-se á adoração á Santissima Eucharistia, ao evocar a fé dos nossos antepassados, tinha lagrimas nos olhos e a voz tremia-lhe, na commoção sublime duas vezes encantadora, do poeta e do crente.

E, se a sua vida de trabalho digno e infatigavel, de patriotismo, de largo estudo aproveitavel, de modestia, de honestidade, de coherencia, de amor a tudo o que ha grandioso e santo, foi irreprehensivel, a sua morte foi a d'um justo.

Recebidos os ultimos sacramentos, entregou-se em tudo á vontade de Deus e, por humildade, por disposição sua, foi o seu cadaver tirado do caixão, no cemiterio e lançado á terra, envolto em um lençol.

E' natural que a vida e a morte do Visconde Julio de Castilho, com todas as notaveis circumstancias que as acompanharam, impressionem vivamente os que, infelizmente, pouco habituados estão a vêr, nos escriptores portuguezes, a par do talento, a pratica da religião, como ella é e como deve ser comprehendida acima de respeitos humanos e de todos os interesses da vida.

Lisboa, 5-4-1919.

P.e João Vácondeus.

O AUCTOR DA «LISBOA ANTIGA»

A *«Lisboa Antiga»* sobresahe, em nosso conceito, na vasta obra litteraria do Visconde de Castilho (Julio de Castilho), o grande polygrafo que acaba de morrer, cercado de um prestigio luminoso.

A capital portugueza não tinha um historiador digno de nome, porque não encontrara um historiador, que fosse, ao mesmo tempo, um microscopista da vida de antanho, um decifrador dos enigmas petrificados e um pesquizador das ultimas grutas da tradição.

Aquelle sublime litterato metteu hombros á tarefa e sahiu-se d'ella esplendidamente, porque conglobava todos os requesitos constitutivos do historiador ideal.

A sua linguagem vernacula, sem entôno dogmatico, possuia a finura das rendas, a plasticidade da cêra e o brilho do diamante.

O seu estylo evocador reflectia todas as impres sões com a viveza de um espelho e a justeza de um vidro albuminado.

Se, umas vezes, era grave e ponderado como as regras de Aristoteles, outras vezes deslizava com as suavidades melicas da ode de Horacio a Lycoris, e, ainda outras, com a indignação de Juvenal contra Crispinus. Como o eminente poeta e prosador que foi seu pae, tambem elle sabia que as palavras têem um poder natural, uma sonoridade imitativa, e por isso as combinava harmoniosamente, á maneira das notas musicaes n'uma partitura.

Por todos estes motivos, as suas descripções produzem-nos a sensação que nos produziria uma estrophe de Pindaro, recitada por um atheniense moderno, isto é, a lingua morta tornada viva e perdendo o seu aspecto escholastico e frio.

O Visconde de Castilho empregava um methodo escrupuloso. Indagava os assumptos até ás ultimas minucias, e, quando se tornava necessario, approximava-os com o telescopio de Herschell ou a luneta astronomica, amplificava-os com o microscopio ou a lupa convergente. Para a sua perquisitiva curiosidade, não existia papel inutil, indicação graphica dispensavel ou nótula de memoriographo que se devesse desprezar.

Professava a paixão do detalhe, preconisada por

Sainte-Beuve e Taine, e observada pelos irmãos Goncourts, que, antes de Zola, accentuaram a importancia dos *documéntos humanos,* sustentando que, no romance, «devia entrar um pouco d'essa historia individual, que não tem historiador na Historia.»

Dotado de um caracter de impermeavel pureza, nunca por nunca quebrou o seu aprumo de gentil-homem ou perpetrou um solecismo de bom-tom.

Correcto como um discipulo de Metternich, urbano como um *talon-rouge* da Regencia, elle tinha uma distincção innata, uma sorte de aristocracia interior, que transparecia na polidez das suas maneiras. Nas lettras, usava uma honestidade de processos e uma lisura de escripta, pouco vulgares na nossa época de litteratismo parasitário e mercantilista. E uma das suas feições mais interessantes era a de cavaqueador, mas um cavaqueador cheio de *charme,* de delicadezas sentimentaes, de ideias aladas, de impeto juvenil e de vivacidade pittoresca.

D'aquelle talento polytypico, se poderia dizer que descreveu a nossa metropole com a exactidão de Violet-le-Duc e o lyrismo de Victor Hugo, como Léon Cladel disse de Charles Delon no prefacio da «*Notre Capitale*».

Escrevendo a *Lisboa Antiga,* o seu *exegi monumentum* o Visconde de Castilho sentiu, de certo,

quanta verdade se contem n'este pensamento formulado pelo eloquente Barthold Niebuhr na «*Historia Romana*»: — «Quem traz de novo á vida coisas extinctas, goza toda a felicidade do crear».

PINTO DE CARVALHO (TINOP).

UM DESEJO DO POETA

FALEI pela primeira vez ao Visconde de Castilho nessa saudosa noite em que o eminente homem de letras, que era um fervoroso catolico, sem respeitos humanos, realisou na Associação Protectora dos Operarios, ao Salvador, a sua conferencia «*O christianismo e o operariado*», depois publicada em folheto.

Ouvi-lo, era ficar encantado. E esse encanto redobrava, fortalecia-se, apoz alguns momentos de conversa com o ilustre fidalgo, tão simples de maneiras, afavel para com todos, sem a afectação nem a aspereza de tantos que debalde procuram ser amaveis e despidos de preconceitos...

O Visconde de Castilho era assim: um verdadeiro cristão, reflectindo no tracto e na conversa a nobreza da sua alma.

Não fui dos seus intimos. Mas posso assegurar, afoitamente, que nenhum dos seus admiradores lhe quiz mais, e o apreciou mais, do que eu.

Algumas vezes tive a honra de visita-lo na sua tebaida do Lumiar — a primeira das quais, bem me recordo, acompanhado do visconde de S. Bartolomeu de Messines, que teve sempre um verdadeiro e justificado culto pelo Poeta. Quando estive em sua casa, ha tres anos, numa tarde áspera de outono, quem me diria a mim que nunca mais tornaria a vê-lo!

Éu fôra até lá no desempenho duma grata missão. Por iniciativa de S. Bartolomeu de Messines, a empreza da — *Fé Cristã* — resolvera oferecer ao Visconde de Castilho, em homenagem de gratidão pela gentileza com que ele se dignara colaborar na Revista, uma delicada lembrança — que o Poeta e o Cristão receberia decerto com agrado — uma estatueta de Joana d'Arc — a virgem heroica e santa cavalgando o seu corcel, a caminho de Reims.

O visconde, surpreso, e, visivelmente satisfeito, aceitou, agradeceu, e deu-me o inegualavel prazer duma conversa demorada.

Falámos um pouco de tudo. Do tempo inconstante, dos seus achaques, da precaria situação em que viviam os catolicos; e, a certa altura, das suas obras.....

Enternecidamente, amorosamente, Castilho referiu-se ás suas «*Memorias*».

Por ser um livro seu? Sobretudo por nele se ocupar de seu Pai, do velho e honrado Castilho.

Todos sabem como o vate primoroso das «*Manuelinas*» e o investigador paciente da «*Lisboa*

Gabinete de trabalho de Julio de Castilho, na casa da travessa do Prior, n.º 11, no Lumiar

Photog. do seu dedicado amigo J. A. Barcia)

Antiga» venerava a memoria do tradutor insigne da Poesia classica.

A alma do Visconde abriu-se. De amargura, ou tristeza, os seus olhos amorteceram-se. E lamentou que lhe não fosse possivel publicar, em volume, essas «*Memorias*» queridas, que eram a sua historia, e tantos subsidios continham para a historia duma familia e duma epoca...

Aventei a hipotese de que alguma das livrarias importantes de Lisboa ou Porto se poderia encarregar da edição. Mas o Poeta, meneando a bela cabeça, respondeu-me num desconsolo:

— Não, não. Bem vê, são vinte volumes, com numerosos mapas, e retratos.... uma edição bastante cara... E os tempos vão tão maus, para emprezas destas...

Pedi-lhe licença para fazer eu a tentativa. Mas Castilho, sem a negar, dissuadiu-me do intento.

Depois, a sós comigo, no electrico que me trazia a Lisboa, eu pensei que o Poeta, com efeito, tinha razão: se me não fôra possivel achar casa editora para as «Questões de Arte» de Alfredo Serrano, apenas um volume...

*

* *

O Poeta morreu. E a todos nós incumbe o dever de prestar homenagem á sua memoria. Não ha du-

vida que, depois dos sufragios pela sua alma, nenhuma outra homenagem melhor se lhe pode prestar do que esta: a realisação do desejo expresso nessa palestra intima de ha tres anos. Quando o «*Instituto*» de Coimbra não possa levar a efeito a publicação das «*Memorias*», que sairam a lume nas paginas do seu «Boletim», parece-me que os amigos e admiradores do Poeta, homens de letras, escritores e artistas, sem grande dificuldade lograriam consegui-lo. Verdade, verdade, seria a convincente prova de que muito haviam amado Julio de Castilho, e sinceramente apreciavam a sua obra altissima.

Lx. 14/4/19.

ZUZARTE DE MENDONÇA
(Da Academia das Sciencias de Portugal)

O HOMEM

O segundo Visconde de Castilho foi notavel historiador e poeta distincto; escreveu a *Lisboa Antiga, As Manuelinas* e......

Mas francamente não ha ninguem de mediana cultura que não conheça as suas obras, e os escriptores abalizados com que terei a honra de emparceirar n'este opusculo vão com certeza fazer sobre ellas apurada critica. Deus me livre de pretender approximar o meu singello tributo ao de tantos homens de valia, que sem duvida serão convidados por seus meritos e não apenas pela amizade que dedicaram ao portuguez illustre a quem vimos prestar homenagem.

Demais, eu sinto o coração tão cheio de saudades do convivio com o interessante conversador e bondoso homem, estou ainda a vêl-o e ouvil-o com tanto engano de imaginação, que não ha logar em meu espirito para relembrar quanto me ensinaram seus livros. E tenho-os ali para os ler quando qui-

zer; o autor d'elles é que não mais poderei folhear e ler na sua grande alma!

N'aquella modesta casa, onde, ha bastantes annos, quasi se encerrára em parca mediania quem, se nascêra noutro paiz, poderia viver na opulencia, passei eu algumas das minhas melhores tardes, e nunca reconheci como então que a vida intelectual consegue absorver-nos tanto, que de todo nos leve á despreoccupação de cuidados terrenos. Assim é, mas ai do nosso aeroplano, em que andamos a tocar pelas nuvens, se não já por cima d'ellas, ao distinguirmos nas manobras do piloto vislumbre de vaidade, pico de malevolencia, resaibo de inveja ou mancha de presumpção e egoismo. Para logo se quebra o nosso encanto e principiamos a sentir que não é a cadeira tão commoda como desejariamos, que se faz tarde para o jantar, que, se nos demorarmos, apanharemos frio ou chuva pelo caminho.

Tal não succedia porém no Lumiar. N'aquelle sanctuario de litteratura, de arte e de historia, onde a conversação era esmaltada por anecdotas engraçadas, que, dando realce a uma situação bem descripta, afugentavam qualquer toque de pedantismo, ninguem se aborrecia jamais e sahiamos todos mais instruidos e quiçá melhores do que haviamos entrado. E' que se não respirava apenas sabedoria e bom gôsto, n'aquella atmosphera impregnada de

sãos e elevados sentimentos e do trabalho honrado d'um dos maiores e mais sympathicos homens de bem da nossa terra.

Fervoroso crente e monarchico sem transigencias, não tinha Julio de Castilho palavra aggressiva que pessoalmente ferisse adversarios, nem beliscadura para homens de lettras que podesse julgar seus emulos.

Mantinha verdadeiro culto pela memoria de seu pai, e contudo nem por isso deixava de elogiar contemporaneos que lhe fizessem qualquer sombra. Entendia que para que alguem fosse considerado grande, não era preciso que todos em volta fossem pequenos. Se no secreto de sua alma suppunha o primeiro Visconde de Castilho o maior litterato portuguez da sua edade, comprehendia — e nem todos assim o comprehendem — que tanto mais elevados estivessem os pedestaes dos outros, mais alto sería o de seu pai.

E nem esta grandiosa tradição lhe servia de vaidade. Tanta simpleza era a sua n'este ponto como em tudo, que raras vezes, ao falar do pai como escriptor, o designava de outra forma que não fosse por Castilho, como se a extranho se referisse. Não quereria que aos ouvintes se afigurasse que, por ser filho, pretendia maior direito a ufanarse, que todos quantos nos exprimimos na lingua de Camões.

A ternura, o carinho deviam pertencer á familia, a gloria essa era para todos e não herança de pessoa alguma. Ternura e carinho sim, e por isso as salas, alem da livraria, valiosissima pelas annotações do dono, e de telas e gravuras, quasi só se compunham de recordações paternas, a que presidia um retrato a oleo de Antonio Feliciano de Castilho, devido ao pincel do segundo Visconde.

— A pintura pouco valerá — dizia este — mas a parecença é muita; ás vezes imagino que o estou ouvindo.

E illuminava-se-lhe o rosto de artista, que se compraz resuscitando quanto possivel o chorado passado que não volta. Estou até em dizer que a sua missão no mundo foi essa.

Tinha requintado empenho em adquirir para o seu museu quanto se referisse ao pai. Casualmente disse-me que uma das suas penas era não possuir o buril com que se fizera a primeira gravura de Castilho. Havia conhecimento de quem o tivera, mas que já fallecera ha muito.

Ajudado pelas suas indicações, indaguei do caso, e o meu amigo Antonio Joaquim Ribeiro, a quem a sociedade lisboeta chamava por acariciadora sympathia o Ribeirinho, soube das minhas averiguações e deu-me o buril. Não me demorei em ir ao Lumiar, e puxei conversa para a tal gravura, até

que veiu á balha o instrumento, e eu sempre disfarçado, tirei-o do bolso, dizendo:

— Tinha graça, não é verdade, se fosse este que appareceu agora na minha algibeira?

O visconde, espantadissimo e quasi balbuciando como criança a quem dessem um bonito ha muito desejado, abraçou-me com grande effusão de amizade.

E sempre generoso custou-me, depois de contar a historia do achado, convencel-o a não ficar eu com um tinteiro, que Ribeirinho tambem me entregára e tinha qualquer recordação para a familia Castilho; algum tempo depois, enviando-me um folheto seu, registava graciosamente na dedicatoria o caso do buril.

Os sabichosos de vida regalada chamarão pueris estes contentamentos de um intelectual regrado em seus costumes, quando serão porventura apenas compensações de afflictivos lances desconhecidos e começo de justiça, realizando-se já n'este mundo.

Uma tarde o incançavel investigador mostrava a alguns intimos a maneira como estavam classificadas muitas notas, que em largos e afanosos annos archivára, relativas á historia patria, e um d'elles, depois de elogiar a inexcedivel disposição e arrumo, disse:

— «Eu não sou capaz de ter ordem nos meus apontamentos, e faz-me isso a maior pena.»

Castilho, parecendo arrependido da lição que nos estava dando, por suppor talvez que, embora sem tal proposito, se engrandecera e apoucara alguem, retorquiu logo:

— «Pode acreditar, meu caro F., que desejar ter ordem é já só por si grande qualidade e signal de que ha-de vir a tel-a.» E procurou novo rumo á palestra, escolhendo um em que o interlocutor sobresahisse.

E' que a sua delicadeza era muito mais que habito de boa sociedade e cortezia; vinha do coração, onde primavam todas as flôres a que deu perfume o christianismo com o preceito do amor do proximo.

*

* *

A derradeira vez que fui vel-o estava já muito fraco, no entanto ainda quiz recitar versos, e, porque o poema se ia alongando e isso o fatigava, a senhora Adelaide, que estimo associar a estas recordações da casa do Lumiar, uma creada antiga, que fiel, dedicada e honestamente o serviu durante largos annos, interrompeu a recitação gritando do fundo da escada:

— Isso faz-lhe mal, senhor Visconde!

— O que é? perguntou-me elle, que estava bastante surdo.

— E' a minha patricia — chamava-lhe eu assim por ser minhota — pedindo que se não cance.

Elle sorriu-se agradecido e calou-se resignado.

Sahi pouco depois e á porta disse-me a senhora Adelaide:

— O que faz mal a este seu amigo é ter tanta coisa na cabeça. Parece que referve tudo lá dentro e o não deixa socegar.

Vim para Lisboa triste e pensando no dito da exemplar enfermeira. Era assim. Aquelle trabalhador infatigavel tinha a referver lá dentro do prodigioso cerebro muita coisa que ainda não lançára cá para fóra.

E que enorme desconsolação não sería a do erudito divulgador, lembrando-se de que a sua obra, que podia ser collossal, ficava, embora grande em absoluto, relativamente minima, por falta de editores ou á mingua de quem dê apreço a livros que não sejam emprestados.

Abril de 1919.

CONDE DE BERTIANDOS.

JULIO DE CASTILHO

Teria os meus quinze ou dezaseis annos. Vae isso ha tanto tempo que não dá gosto contal-o. Frequentava com assiduidade a Bibliotheca Nacional, porque já então gostava dos estudos historicos, e nos intervalos dos meus labores escolares, vinha para ali reler as chronicas e familiarisar-me com outros tomos veneraveis que por via de regra, não eram consultados por rapasolas da minha idade. E dava-se o caso, de eu aparentar ainda de mais novo do que na realidade era.

Julio de Castilho presidia á sala de leitura, na secção de Litteratura e Historia. Estou a vêl-o como se fosse agora, com a cabelleira farta já listrada de alguns cabellos brancos, apartada ao lado por um risco impecavel; muito bem posto na sua sobrecasaca correctissima; um ar de grande distincção; amavel para com todos, cheio de deferencias e de solicitude para quantos o procuravam e requeriam o auxilio da sua rara compe-

tencia profissional; e trabalhando sempre, sem malbaratar um minuto, nos serviços a seu cargo, com o carinho e empenho de quem exercita um elevado ministerio; porque a sua sensibilidade delicadissima, jamais se afez ao quer que fosse mercenario e tomava sempre a obrigação contraida por um sacerdocio generoso, nunca por um officio interesseiro.

Claro está, quando terminava as minhas leituras ia apresentar a papeleta, com a indicação dos livros requisitados ao presidente da sala, afim de ser rubricada. O Castilho mirava a papeleta, punha-lhe o visto, e entregava-m'a com uma cortezia muito distincta, onde eu queria vêr — e não me enganei — o interesse simpathico do estudioso consagrado, pela manifesta desarmonia de idade, entre os calhamaços consultados e o imberbe leitor. Depois, permitia-me uma ou outra vez, fazer-lhe uma consulta erudita, e o Julio cheio de bondade, dava-me toda a importancia, como se tratasse com um homem de lettras, no que muito me lisonjeava! A minha ignorancia e ingenuidade, n'essa feliz epoca da vida, consentiam que eu me tivesse na conta de litterato! Bons tempos!...

Um bello dia, depois de qualquer das taes consultas eruditas, lembrou-se o saudoso mestre de apurar quem eu era. Ficou sabendo que se encontrava com o filho e sobrinho de antigos e dedicados

amigos e admiradores seus. Festejou-me imenso. Fallou muito e com muita estima de meu Pae e de meus Tios; e não só se resolveu a tratar-me logo por tu, mas exigiu, immediatamente que o tratasse tambem por tu. Como me acanhava de acceitar essa honra, elle insistiu: — «Trato-me por tu com teu Pae que é muito mais velho do que eu; tu podes tambem tratar-me por tu». —Assim ficou assente.

Data d'aqui a nossa amizade que se manteve inalteravel durante toda a sua vida, e prosegue na muita saudade que me deve, e no culto sentido e grato que tributarei sempre á sua memoria.

Com o Castilho aprendia-se muito.

Não se dava ares de pedagogo; mas, parece que instilava nos amigos o interesse pela cultura que o apaixonava. Quando começamos a conviver estava em plena elaboração a «*Lisboa Antiga*», esse monumento famoso que não deixará esquecer o seu nome.

Devo confessar que não conheço em litteraturas extranhas, trabalho de profunda investigação apresentado com mais donaire, com mais leveza, com mais colorido e sobretudo com mais enternecido patriotismo, do que o representado por essa longa serie de volumes em que Castilho traceja a historia da sua querida terra.

Em geral o investigador não é artista, e relatanos as suas acquisições que não raro lhe custaram

um esforço arduo, n'uma forma pesada, difusa, enervadoura. Os que espalham as verdades adquiridas por outros, dispõem porventura de mais agradaveis recursos para expor, mas pecam na sua grande maioria pela leviandade, pelo minguado escrupulo, porque discriminam os factos e julgam os homens. Julio de Castilho aliançou magnificas faculdades de investigação historica com o dom de vulgarisar com tamanha elegancia, clareza e arte que não sei de ninguem entre nós que o tenha excedido em semelhante genero.

Assisti a uma boa parte da formação da «*Lisboa Antiga*», e foi-me dado constatar como a rectidão d'alma do grande escriptor se espelhava bem na sua obra. Que cuidados não punha elle em apurar a verdade! Quantas canceiras para rectificar uma data, para identificar um nome, um apelido, um titulo, para esclarecer um episodio mais obscuro, ou apreciar certo facto mais discutivel! Carreou por conta propria todo o material necessario para o edificio, e basta ser modesto aprendiz em historiografia portugueza, para avaliar os prodigios de paciencia, de tenacidade, que semelhante tarefa exigiria, quando, ainda agora, entre nós, luctam os estudiosos com graves difficuldades para colher outros elementos que não sejam os prodigalisados nas mais vulgares chronicas, para a comprehensão de qualquer epoca da nossa vida nacional.

Teve o talento de evocar com grande flagrancia e singeleza as scenas e as personagens do passado; e sentia-se bem o gozo que elle havia em refugir, em espirito, para esses tempos e para a convivencia com os remotos antepassados que viveram e brilharam n'um ambiente moral mais respiravel para o seu temperamento mistico, romantico e cavalheiroso, do que a atmosfera prosaica e utilitaria da nossa idade.

O Visconde de Castilho escrevia a Historia com grande inteireza. Julgava os homens e os acontecimentos com imparcialidade modelar, e uma independencia que lhe fazia tanto mais honra, quanto era primorosa de urbanidade a forma porque a exercitava. Possuia a mais nobre e elevada compreensão das responsabilidades tremendas que assumem os que se abalançam a julgar as gerações idas, que já não têem voz para se defenderem das sentenças, tantas vezes injustas, dictadas pelo sectarismo ruim, quando não pela leviandade e pela ignorancia.

Com taes predicados de historiographo, compreende-se que da vasta producção do brilhante polygrapho seja a sua obra historica e archiologica a principalmente destinada a resistir á acção do tempo. E, se a «*Lisboa Antiga*» e a «*Ribeira de Lisboa*» terão de ser compulsadas emquanto existir idioma portuguez, por todos os que se preoccupem a serio

com a historia da nossa linda capital, as «*Memorias de Castilho*», esse grandioso documento do mais enternecido amor filial, podem considerar-se como precioso repositorio de notas e perfis interessantissimos, da maior utilidade para os que se proponham a estudar a vida intima da sociedade portugueza do seculo XIX.

Julio de Castilho sublimou o amor filial n'uma religião positiva. E' esta uma das feições mais sympaticas do seu nobre caracter. Até aos paroxismos da agonia, manteve o culto pela gloriosa personalidade de seu pai, com tamanha assiduidade que posso affirmar, sem vislumbre de duvida, em mais de quarenta annos de convivio, nunca saí do modesto e sempre aninhado tugurio do autor das *Memorias*, sem lhe ouvir alguma referencia muito amiga, muito sentida, sobre o mavioso poeta do «*Amor e Melancolia*». E consagrava-lhe a merecida fama por quantos meios lhe forneceram as suas invulgares aptidões. Escreveu-lhe a vida; reviu, anotou e prefaciou a reedição das «*Obras completas*» do grande luminar das lettras portuguezas que se chamou Antonio Feliciano de Castilho; moldou-lhe a estatueta, e fez-lhe não sei quantos retratos á penna, a aguarella, a pastel, a oleo, entre os quaes se destaca aquelle grande quadro tão querido companheiro do artista que o creou, onde se vê em tamanho natural, pachorrentamente sentado na ampla

poltrona, o 1.º Visconde de Castilho, com uma expressão tão verdadeira e agradavel que parece estar a ouvir, com prazer, a palestra dos que o contemplam.

Evoco, com infinita saudade, o celebre painel, no qual quaesquer deficiencias de technica, ficam sobejamente compensadas pelo poema de sentimento que representa. E diga-se a verdade: é necessario ter muita habilidade para um homem que jamais recebeu as mais ligeiras lições da bella arte da pintura, produzir obra em que o seu sentir se reflicta numa intensidade capaz de commover. O Julio, porém, dispunha de uma multidão de prendas brilhantes que não é facil ajuntarem-se no mesmo individuo. Historiador, como já disse, de grandes recursos, poeta ameno e delicado, metrificador impecavel, romancista, dramaturgo, critico, moralista, estilista elegante, facil, vernaculo, escultor, pintor, desenhista, aguarellista, conferente erudito e agradavel, collecionador pacientissimo de quanta estampa, retracto, registo, escripto, documento pudesse interessar a historia da sua querida Lisboa; conversador delicioso e dos raros que sabiam não só conversar, como tambem ouvir — com tal conjuncto de dons o 2.º Visconde de Castilho, haveria direito a ser considerado como uma alta individualidade em qualquer meio onde vivesse.

Era, além de tudo isto, um homem de sociedade

encantador, e da mais aprimorada gentileza. Quem o contemplasse ha pouco, valetudinario e triste, estendido na *chaise-longue* da salinha de jantar, de cujas paredes pendiam retratos de pessoas queridas, magro, palido, surdo, com a memoria já a fraquejar, mal reconheceria n'elle o donairoso e insinuante poeta das «*Manuelinas*», tão querido e disputado nos melhores salões, aonde as suas grandes prendas de litterato e de artista eram apreciadas como merecia. Recitava lindamente, compunha charadas, animava a palestra com a sua verve sempre muito delicada e convenientissima, escrevia versos ou desenhava nos leques e nos albuns das senhoras, tirava retractos na sombra, magnificos; e sempre prestavel, lhano, agazalhador, com as suas bellas maneiras ainda aprendidas na escola antiga, inspirava tanta simpatia que se lhe pode applicar o que elle escreveu do avô paterno: «Era um d'aquelles homens, por quem os pequenos e os grandes ficam morrendo apenas os conhecem. Tinha o condão de ser grave com os graves, douto com os doutos, creança com as creanças. Amoldava-se-lhe a indole á edade e ás posses do seu interlocutor.»

Nos ultimos annos da sua vida, alquebrado pela doença e por contrariedades variadissimas, foi pouco a pouco deixando de aparecer, e por fim era raro encontral-o, ainda mesmo em casa dos seus intimos, salvo n'alguma occasião muito solemne.

Comtudo a resguardada casa do Lumiar, tão típica e hospitaleira, continuava a ser frequentada pelos amigos e admiradores, e raro era o domingo onde alli não concorresse uma selecta companhia de intellectuaes e de gente de bons principios — e só com estes se entendia — a gozar algumas horas agradaveis na convivencia com esse fulgurante e bondoso espirito, considerado como um dos patriarchas da intellectualidade portugueza.

Tambem acorriam alli, não raro, os jovens plunitivos que tentavam os primeiros vôos nas bellas lettras ou nas curiosidades historicas, a sujeitaram ao conselho do mestre os seus ensaios. Pois não poderiam encontrar mentor mais leal, critico mais sincero e verdadeiro. Não mentia a ninguem. Anotava, applaudia ou corrigia, animava, orientava, dirigia, com um escrupulo meticuloso, exercendo o pontificado litterário que tão justamente lhe fôra attribuido, com a mais simpatica modestia e a mais captivante galanteria.

Entretanto a nota de supremo interesse da complicada psychologia d'este grande homem de bem, encontra-se na perfeita unidade do seu caracter, tão perfeita quanto humanamente é possivel ser, mantida integralmente, sem uma discrepancia, sem um descuido, atravez uma vida longa e atribulada. Não me parece facil numerar muitos que o igualassem na virtude de identificar a acção com os prin-

cipios, e ainda mais difficil se me afigura lobrigar os que o tivessem excedido em tão grave capitulo.

Os individuos de uma só fé e de um só rosto que adoram a Deus bem ás claras, sem pedir venia ao Livre Pensamento; que leal e desinteressadamente servem o seu Rei e a Patria com paixão entusiasta e generosa, e consomem a existencia promovendo, por quantas formas lhe facilita o talento, o bem dos outros; que comprehendem a caridade de um conselho, de uma palavra amiga — tanta vez mais desejada do que um obulo rico — de uma attenção delicada, de uma referencia benevola, porque professam o culto da bondade e da delicadeza; que têem grandeza de alma para reconhecer e honrar o merito, onde quer que elle rebrilhe e que nunca souberam invejar, odiar, atraiçoar, intrigar, abocanhar, alheios sempre aos corrilhos sectarios, distanciados sempre das quadrilhas do elogio mutuo, e despreoccupando-se sempre das plateias de qualquer natureza, não lhes solicitando applausos, nem receando as pateadas — os individuos assim conformados que atravessam a vida com os olhos sempre postos nos mais nobres e gentis ideaes, quando lhes succede a desgraça de viver no meio de uma sociedade dissoluta, onde impera apenas o culto das paixões baixas, em vez de auferirem as vantagens condignas com os seus merecimentos, ficam sujeitos a perigos desagradaveis. As multidões desmo-

ralisadas e egoistas carecem de capacidade para comprehenderem a superioridade moral dos que têem por escopo unico na vida o cumprimento do Dever, e n'uma inconsciencia estulta apodam de «originaes», estes espiritos de eleição.

Deus, porém, como não permitte que sejam excessivamente affligidas as almas boas e generosas que confiam n'Elle, dá-lhes por premio das suas virtudes, o conforto da resignação e o jubilo de se sentirem com direito de perdoar..... áquelles que não souberam comprehende-las.

....

O meu querido e inolvidavel Julio de Castilho morreu pobre, muito pobre. Nunca recebeu premio que se visse pela grande obra que nos legou, cheia de belezas e de licções utilissimas, inspirada toda ella n'um sincero e vehemente amor pela sua estremecida Patria!

Elle em vida soube perdoar muito, e á hora da morte ainda houve alentos para renovar o seu perdão aos seus devedores que foram muitos.... — «Perdôo aos meus inimigos, e a todos, todos absolutamente, os que por qualquer forma me offendessem» —

São palavras do seu testamento, modelo de humildade christan.

Abril 1919.

D. Thomaz d'Almeida Manoel de Vilhena.

FRAGMENT

. . . .

Il sentait dans son cœur battre huit cents ans de gloire.
Sa place, il la marquait au temple de l'Histoire.
Mais un decret des dieux l'arrêta sur le seuil,
Et son manteau de Roi lui servit de linceul.

. . . .

9-XI-1910

Écrit sous un portrait du Prince
D. Louis de Bragance.

JULIO DE CASTILHO.

(Inédito).

Retrato de Sua Alteza Real o Principe D. Luiz Filippe de Bragança,
e por elle offerecido
ao seu mestre o Visconde de Castilho (Julio de Castilho)

O VISCONDE JULIO DE CASTILHO MESTRE D'UM PRINCIPE

Abolida em Portugal a lei dos Morgados, julgaram-se os filhos segundos das grandes casas com existencia garantida sem se darem, pelo menos, ao trabalho, como antigamente se davam, de alcançar uma situação na sociedade unicamente pelo esforço proprio.

Passaram por essa razão a ser raros, rarissimos até, os fidalgos que ao mesmo tempo fossem almirantes, generaes, magistrados, prelados, professores ou Academicos.

A rapaziada nobre, uma vez garantida a subsistencia propria, deixava d'estudar para se dedicar á lavoura e muito especialmente áquella que tivesse gado bravo.

Com touros ou touradas se contentavam, em geral, as duas gerações que precederam a minha e até aquella a que eu pertenci.

O commando d'um regimento ou náu do Estado, as Academias, a Universidade, os Paços Episcopaes, os tribunaes e tantos outros centros d'intelectualidade estavam reduzidos a um redondel cercado por umas taboas vermelhas, que se chamava a Praça do Campo de Sant'Anna e que eu ainda vi de pé no sitio onde está hoje a Faculdade de Medicina.

Com raras excepções, que serviam para confirmar a regra, o nobre portuguez d'essa quadra infeliz não tomava a serio quem não soubesse tourear ou, pelo menos, vestir-se á toureira.

Ha perto de quarenta annos, sendo eu apenas um adolescente, era quasi perigoso não pensar á maneira da epocha e eu tive a desgraça, ou talvez a graça, de não me deixar ir na corrente que predominava então.

Por temperamento, por feitio e por motivo de convivencia com inglezes, ou inglezados, nunca mostrei queda para o toireirismo reinante. Chegaram a dizer que eu era um espirito de contradicção.

Nunca usei saltos de prateleira, nunca tive um gabão. Quando tinha sêde bebia agoa em vez do famoso copásio de vinho tinto que era da praxe beber entre rapazes da minha edade.

Adorava as corridas de cavallos (que então começavam em Lisbôa e com um certo brilho); eram-me indifferentes as touradas e os toureiros.

Uma vez, no entrudo, vesti-me de *jockey* e fui apupado, quasi rasgado, por parentes e amigos que se mascaravam de capinhas, de moços de forcado ou de campinos.

Certo rapaz de Lisboa, que tão pouco pendia para o feitio dominante na sociedade, cometteu a imprudencia de passar uma tarde pelo Chiado calçando botas de polimento e levando na lapela do fraque um botão de rosa.

Tanto bastou para que sobre êlle chovessem improperios e chufas vindas da rapaziada fina e vadia que guarnecia as esquinas; e não foi agredido porque, alem de ser dono d'umas botas envernisadas, era tambem senhor d'uma musculatura formidavel.

Por isso eu me escondia. Ainda assim uma occasião fui surprehendido a fallar inglez com um aspirante da marinha de guerra britannica, o que me valeu logo ali um beliscão dado por uma criatura muito mais velha do que eu e que mais tarde se converteu ao «Turf», chegando a ser dono de cavallos de carreiras.

Nunca perdeu em todo o caso, essa creatura, uns certos *tics* aperaltados que são como certos fartuns. A frigideira que serviu uma vez a peixe nunca mais poderá servir para outra cousa e um bife feito n'ella, mesmo que seja de vacca, sempre ha-de parecer de atum.

Fica feita assim a minha confissão de *snob*, pelo menos na mocidade, mas paciencia. No fim de contas o *snob*, coitado, não incommoda ninguem. Tem a mania de ser bem creado e a vantagem de ser sempre, ou quasi sempre, uma pessoa aceiada, porque no seu programma de vida entra o banho diario.

*

* *

Uma tarde, por esse tempo, estava eu estudando a minha lição de latim no gabinete de meu Pae, que Deus haja, quando de repente se abriu uma porta que dava para a escada e por ella entrou um homem alto, de fartas sobrancêlhas negras, bigodes enormes e aspecto feroz. Tremi e cheguei a imaginar que seria um enviado da justiça, um malsim.

Puz-me de pé e, n'um movimento instinctivo e proprio de quem é surprehendido na pratica d'uma acção má tractei de esconder o «Magnum Lexicon» com medo de ser reprehendido pelo homem dos bigodes por me vêr agarrado a um livro que não fosse a *Arte Marialva*.

Enganei-me redondamente. O semblante carrancudo da visita transformou-se como que por encanto no mais dôce sorriso de bondade que pode imaginar-se e que para sempre ficou gravado na minha memoria e no meu coração.

Sorria-me com a falla, com os olhos e com a alma. Parecia-me tudo um sonho, pois era a primeira vez que um portuguez ainda novo e já sabio me não escorraçava. Transformei-me como o cão que espera uma pancada e depois recebe um torrão d'assucar. Quando, passados uns minutos, meu Pae entrava por outra porta já encontrava o visitante sentado ao pé do filho a ensinar-lhe os themas latinos com a maior pachorra e carinho.

Este homem era o Visconde Julio de Castilho.

Fui no anno seguinte para o collegio de Frederico Villar, outro homem de muito coração e tacto que tantas gerações educou em Lisbôa.

O Visconde de Castilho era o Semi-Deus que por lá apparecia com frequencia, porque era intimo do Director e porque se deleitava na convivencia dos estudantes. Os rapazes respeitavam aquelle homem, porque era bom e era sabio; tinham por elle uma especie de culto que vinha tambem do facto de ser o filho mais velho do grande portuguez Antonio Feliciano de Castilho.

Julio de Castilho, acariciava todos os estudantes, mas devo dizer com orgulho que me distinguiu com interesse particular talvez por causa da minha inclinação para as linguas classicas, cousa tão rara n'esse tempo. *O latim era para os padres*, dizia-se então com desprezo. Tambem com desprezo se chamava *recta-pronuncia*, a quem na conversa

empregasse termos correctos em vez de palavras de arrieiro; quem fizesse contas de multiplicar ou de dividir sem enganos era logo *um caixeiro;* rapaz que lavasse bem as mãos e limpasse as unhas era *uma menina;* quem fizesse a barba todos os dias era *um diplomata.* E creaturas de semelhante mentalidade encontravam-se constantemente nas ruas e o peior é que se topava com ellas tambem nos melhores sallões. Felizmente a especie tende a extinguir-se.

Encontra-se um ou outro raro caso esporadico, a epidemia, porem, extinguiu-se.

*
* *

Um dia Castilho desappareceu.

Foi para os Açores e mais tarde era nomeado Consul de Portugal em Zanzibar.

Passados annos voltou a Portugal e foi morar para a Ameixoeira.

Ali fui n'uma tarde linda e fresca, apezar de ser em Agosto, levar um dos primeiros exemplares d'uma these que poucos dias antes eu defendêra na Escola Medica de Lisboa.

Encontrei o Mestre sentado no seu jardim d'onde se via o formoso valle d'Odivellas. Tinha um livro na mão, mas não lia. Estendido e dormindo ao sol

estava preguiçoso o «Dick», seu cão favorito. Em meza pequena via-se tudo quanto é preciso para desenhar.

Castilho quando me viu poz-se de pé e abraçou-me. Leu e releu a dedicatoria amiga e respeitosa que eu escrevera na primeira pagina do folheto que acabava de entregar-lhe. Depois commovidissimo encarou-me e disse: «Agora vaes tratar-me por tu.»

Foi uma ordem que eu cumpri pela vida fóra com grande orgulho e sempre com o maior respeito.

*

*   *

Em Setembro de 1906 Sua Majestade El-Rei D. Carlos I, de memoria cada vez mais saudosa, pensou em ampliar os estudos do Seu Primogenito que então já completára 16 annos.

Ia começar o anno lectivo, havia professores nomeados ou, pelo menos, convidados para ensinar o Principe Real.

Quem havia de ser porem o Mestre da litteratura Portugueza e de Historia Patria? Quem poderia ser o homem com nascimento, cultura, educação, religião, paciencia, bondade, sympathia que pudesse ensinar tão importantes materias ao futuro Rei de Portugal?

Eu assistia calado á discussão que se travava na

bateria da cidadella de Cascaes em noite serena depois do jantar real. Lembrava-me de que por mais d'uma vez nas tertulias em casa de Julio Mardel, nós todos, o amphictrião e seus convidados, tinhamos decidido que o nosso querido Castilho, estava, como ninguem, talhado para Mestre de Principes.

Dei a indicação ao Professor Franz Keraush, outro sabio cheio de caracter e de bondade que d'alma, vida e coração se dedicou durante annos aos nossos Principes e que ha poucos mezes, sendo ainda novo, a morte veiu arrebatar ao convivio de S. M. El-Rei a Quem acompanhára para o exilio.

Foi acceite o alvitre, restava saber se Castilho acceitaria a incumbencia.

Em 18 d'Outubro — um glorioso domingo d'outomno — o meu amigo Henrique Scholtz dava na sua Quinta dos Azulejos, ao Lumiar, um almoço ao qual assisti e que serviu para estabelecer o contacto de Castilho com Kerausch.

Em 28 do mesmo mez e anno e no meu consultorio da rua do Ouro, 292, 1.° andar, encontrava-se o Visconde d'Asseca com o Visconde Julio de Castilho, sendo pelo primeiro dito ao segundo que S. M. El-Rei o convidava para Professor do Principe Real D. Luiz Felippe.

Castilho com olhos cheios de lagrimas, quedou-se silencioso uns bons cinco minutos.

Depois poz-se de pê e n'aquella voz especial, estridente e ao mesmo tempo meiga, voz só confundivel com a do illustre almirante, seu irmão, assim fallou:

«Obedeço ás ordens de S. M. El-Rei, mas desde já declaro que não acceito ordenado. Basta-me tamanha honra que nunca esperei.»

Do que veiu a ser o convivio do Discipulo com o Mestre, poderá fazer-se uma ideia pelo que o proprio Castilho escreveu no prologo ao magistral trabalho sobre «Os Dois Plinios», obra que dedicou ao Principe.

E d'este modo o Herdeiro do throno portuguez, esse Rapaz Bom, Culto, Valente, Nobre, Bello, Afavel, de memoria tão saudosa; essa nossa legitima e segurissima Esperança para quem a vida foi um *sonho interrompido,* teve como iniciador no estudo da Historia da sua Patria gloriosa o grande homem de bem, de peregrino entendimento e de coração magnanimo, que se chamou Julio de Castilho.

Foi elle quem ensinou D. Luiz Felippe a sentir os grandes episodios nacionaes e o Real Discipulo teve na curta passagem pelo mundo a dita de conhecer de perto um portuguez de lei que não sendo politico, nem filho de politico, nem sequer pae d'homem importante, só pelo seu prestigio pessoal e principalmente pelo da bondade, levou em

manhã chuvosa e agreste a um cemiterio d'aldeia multidão d'amigos de todas as cathegorias.

E todos ali, cheios de pena e de ternura, viram baixar á terra fria e molhada não o caixão, mas sim o proprio corpo de quem, como disse um poeta,

> «viveu de tal sorte
> «que achou a vida na morte».

Lisboa, 8 de Maio de 1919.

THOMAZ DE MELLO BREYNER.

AO VISCONDE JULIO DE CASTILHO

INSIGNE POETA

SONETO INEDITO

(escripto em Abril de 1915)

Que, de tal Pae, tal Filho se esperava.
(Camões — *Os Lusiadas* — III, 28)

Meu Julio de Castilho, os teus poemas
Fazem lembrar escrinios rutilantes
De amethistas, rubís, e diamantes,
Esmeraldas, topazios... Tudo, gemmas!

Tudo thesouros, perfeições extremas,
Tudo bellezas-d'-arte deslumbrantes,
Mimos d'inspiração! — Chores ou cantes,
Sempre do genio emanações supremas!

Eu, de moço, te vi surgir na estrada
Que teu Pae nos deixou illuminada
Por astros mil de celestial clarão;

E hoje te admiro no irisado brilho
Que Deus te fez herdar do «gran'Castilho»,
Como outrosim lhe herdaste o coração!

XAVIER DA CUNHA.

TESTAMENTO
DE JULIO DE CASTILHO

Minhas ultimas disposições

Em Nome de DEUS, Amen.

Sou Christão catholico apostolico romano: Nesta santa Religião nasci, fui educado, permaneço por convicção arraigada e inabalavel, e espero morrer pela Graça de Nosso Senhor. Entrego a minha Alma ao Criador, pedindo-Lhe humildemente Haja de perdoar os meus muitos peccados. Tenho sido peccador, certamente, porque sou fraco,

Fac-simile do principio do testamento de Julio de Castilho (2.º visconde de Castilho)

Minhas ultimas disposições

Em Nome de Deus, Amen.

Sou Christão catholico apostolico romano. Nesta santa Religião nasci, fui educado, permaneço por convicção arraigada e inabalavel, e espero morrer pela Graça de Nosso Senhor. Emtrego a minha Alma ao Criador, pedindo-Lhe humildemente Haja de perdoar os meus muitos peccados.

Tenho sido peccador, certamente, porque sou fraco, mas não commetti infamias, e nunca descri da Bondade e Misericordia Divina. Posso, no meu pouco, dizer, como o Camões do drama de meu Pai: «Meu Deus, Vós a quem tanta vez tenho offendido, mas a quem nunca reneguei.»

Perdôo aos meus inimigos, e a todos, todos absolutamente, os que por qualquer forma me offendessem.

Não tenho bens alguns, quer em fundos territoriaes, quer em papeis de crédito, quer em joias;

possuo apenas o espólio existente nesta casa onde moro. Sou viuvo; não tenho filhos legitimos nem naturaes; nunca os tive; posso pois dispôr livremente dos meus magros bens.

Quando Deus fôr servido chamar-me, desejo seja avisado algum dos meus mais intimos amigos, depois do meu execellente Prior, o Reverendo Padre José Porphyrio Boim. Lembro o Marquez de Avila e de Bolama, ou Alexandre de Castilho, ambos muito meus parentes e dedicados.

Na conformidade do que lhes peço n'este papel, os meus amigos dirigirão tudo, na triste falta de meu saudoso irmão Augusto, se quizerem (como espero e creio) prestar-me esse derradeiro favor.

Desejo ser amortalhado por mãos mercenarias, e não por amigos ou parentes. Sôbre a roupa branca vestirei um hábito de Frade pobre, ou, na falta d'isso, um gabão qualquer muito ordinario. Serei deixado sôbre a cama, coberto com um lençol, emquanto não fôr mettido no caixão. Ninguem irá vêr-me, examinar-me, ou retratar-me, como tantas vezes se costuma; são importunações aos mortos, e nada servem aos vivos. No quarto onde eu estiver depositado armar-se-ha numa cómmoda ou meza qualquer uma especie de altar, apenas com um Crucifixo e duas velas; nada mais. Pompas mundanas, nenhumas, nem corôas, nem flôres; caixão

pobrissimo; convites poucos, e só a amigos; informações a jornalistas, nenhumas; necrológios, nenhuns. Ninguem me velará, senão o bastante para velar as luzes. Irei para o cemiterio levado na carreta dos pobres, e sem acompanhamento, a não ser o indispensavel. Recommendo com o maior empenho, que o óbito seja conscienciosamente verificado pelo meu médico e amigo o bom Doutor Lourenço José Nunes. No cemiterio serei lançado sem o caixão na valla commum; e se não houver valla, irei para uma cova, cujo registo se não renovará, a fim de que os meus ossos se percam de todo. Não quero que os meus amigos, a quem tanto devo, se incommodem em me velar, nem em me acompanhar, nem sequer em me esperar no cemiterio. Tenham-me sempre no coração, e nada mais peço. Aos jornaes (dois ou tres, apenas) mandar-se-ha, mas só depois do enterramento, a seguinte participação: — *A familia Castilho communica ás pessoas das suas relações, que foi Deus servido chamar da vida presente a Fulano, no dia tantos. Falleceu confortado com todos os Sacramentos da Egreja, e foi sepultado no cemiterio de tal.* O *fallecido deixou recommendado que não se fizessem convites, e atrevesse a esperar que a Imprensa periódica de Lisboa guardará o possivel silencio, abstendo-se de artigos funebres, etc. Pede, sim, ás pessoas amigas e piedo-*

dosas o suffragio de algumas orações, e uma outra Missa, mas sem pompa.

Quem dirigir o funeral e os successivos actos, terá a maior consideração com a minha governanta Adelaide Maxima Borges, que me tem sempre mostrado amisade zelosa, dedicação, e inexcedivel fidelidade. Ella declarará se lhe devo, por engano ou esquecimento, alguma pequena quantia, que desejo lhe seja satisfeita.

Para essa despeza, e para o modesto entêrro, vender-se-hão (se não houver dinheiro no meu cofre) quaesquer objectos, livros, etc.

A minha mobilia toda, alfaias, roupas, loiças, miudezas, tudo ficará pertencendo á mesma Adelaide Maxima Borges; e as roupas de meu uso distribuil-as-ha por pobres da freguezia.

Os quadros, que representam pessoas da minha familia, lego-os a minha sobrinha e afilhada Maria Luiza de Castilho, casada com Carlos Correia Pereira. Exceptuo o retrato grande de meu Pae com um gatinho no collo e um cão aos pés; esse deixo-o á Escola-Asylo Castilho dos cegos, sito na rua de Corrêa Telles, a Campo de Ourique. O quadro é pintura minha feita de memoria ha muitos annos; como está por acabar, atrevo-me a esperar que algum pintor amigo, Malhôa, Luciano Freire, Salgado, ou outro, se digne por caridade de terminar as mãos, que só ficaram esboçadas.

Os outros quadros e quadrinhos, que por ahi tenho, alguns bem cheios de recordações e saudades, poderão ser distribuidos por pessoas amigas, senhoras e homens. Exceptuo um S. José, original do meu Vieira Lusitano; este irá para a Academia das Bellas Artes, de que sou Socio honorario.

A minha livraria será vendida como melhor parecer, revertendo o producto para Adelaide Maxima Borges. Recommendo com especialidade o *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva; pertenceu a meu Pae, e acha-se (como outros livros) copiosamente annotado e acrescentado por mim.

A minha vasta collecção de autógraphos ficará á Torre do Tombo. Contém alguns documentos bem curiosos.

Item, á mesma Torre do Tombo ficará pertencendo a minha riquissima collecção Olisiponiana de vistas, plantas, livros, etc., lithographias, gravuras, photographias, desenhos, etc.; ferramenta que me serviu para a mallograda *Lisboa antiga.* Deve annexar-se á mesma collecção a outra enorme montanha iconográphica de registos de Santos.

O meu chamado *Museu*, que se acha numa estante envidraçada na sala da meza, será entregue á senhora D. Joanna Amelia Trancoso, espirito e coração bem dignos de apreciarem esse modesto thesoiro de variadas recordações.

Todas as indicadas doações á Torre do Tombo serão tambem confiadas á mesma senhora D. Joanna, que em sua vida as gosará, permittindo (com as devidas cautellas) sejam examinadas e utilisadas por estudiosos reconhecidos como taes.

Os meus muitos Albuns de desenhos lego-os ao Museu Britannico de Londres. São bagatellas, bem sei, mas valem bastante aos olhos dos apreciadores do passado, e são documentos do viver de uma familia. Esses Albuns serão entregues á referida senhora D. Joanna Amelia Trancoso, que por seu fallecimento os mandará para Londres.

Item a minha collecção de gravuras, desenhos, calcos, etc., de Vieira Lusitano.

A propriedade das minhas obras impressas ficará pertencendo a minha sobrinha D. Maria Luisa de Castilho, filha de meu saudoso irmão Augusto.

As *Memorias de Castilho*, na parte impressa, e na que por acaso ainda se achar inédita ao tempo da minha morte, lego-as por gratidão ao Instituto de Coimbra, de que sou Socio honorario.

As minhas obras inéditas, os numerosissimos apontamentos e documentos sôbre antiguidades lisbonenses, etc., tudo isso será embrulhado, sellado e entregue á Torre do Tombo. Não desejo que esses papeis, muitos d'elles genealógicos, sejam examinados antes de passarem cincoenta an-

nos depois da minha morte. De então em diante ficam livres.

Os manuscritos de Dom Antonio da Costa, que se acham num bahu, ficarão pertencendo á Torre do Tombo.

Os bahus com papeis de meu glorioso Pae, os massos de registos da sua numerosa correspondencia, etc., irão egualmente para a Torre do Tombo, a cuja guarda os confio. Tenho a mais alta ideia da intelligente probidade do actual Director, e meu amigo, o D.or Antonio Bayão, a quem oxalá os seus successores imitem sempre.

A minha governanta Adelaide Maxima Borges dirá o nome dos meus mais intimos amigos; por essa phalange, onde já faltam muitos, e dos melhores, serão distribuidos, como lembrança de gratidão, quaesquer objectos que lhes apeteçam, e que se achem por ahi, sôbre as mezas ou nas paredes. Todas essas ninharias, por mais insignificantes que pareçam, teem história.

Muito desejaria que o director e executante d'estes meus pedidos pósthumos, ou seja o Marquez de Avila e de Bolama, meu primo, ou seja Alexandre de Castilho, meu sobrinho, ou seja qualquer outro amigo provado e activo, não tome como demasiada sécca o encargo, que me atrevo a dar-lhe; a esse amigo lego o lindo retrato, a óleo, da Princeza a senhora D. Amelia, filha do senhor D. Pe-

dro IV. Essa senhora é o *Novo Anjo* da célebre ode de meu Pae.

Não ponho aqui a lista dos meus amigos, e a de muitas senhoras com cuja amisade me honro, porque receio cometter omissões; Adelaide, como disse, deverá ser consultada.

A numerosa collecção dos retratos de meu Pae, conservada num grande caderno sôbre si, lego-a á Torre do Tombo, assim como a volumosa série de illustrações (desenhos, gravuras, lithographias, photographias) destinada ás *Memorias de Castilho*. O Archivo conservará esses objectos como materiaes para alguma futura edição completa e illustrada das ditas *Memorias*, obra que me sahiu do coração.

Ha muitas outras coisas, cuja menção me não occorre n'este momento; a resolução de quaesquer dúvidas, deixo-a com toda a confiança á pessoa que se dignar de encarregar-se da superintendencia d'este mesmo testamento, ouvido sempre o Rev.do Padre Boim, que tão meu amigo tem sido, e em quem confio illimitadamente.

A este digno Ecclesiastico peço licença para lhe legar a minha papeleira preta com muitos escani nhos, onde guardo papeis.

Ha de apparecer um objecto precioso, que tenho escondido nessa papeleira, e que nunca posso ver sem arripios: é a mascara em gesso tirada pelo

formador Pieri sôbre o cadaver de meu querido Pae. Essa máscara ficará pertencendo á Torre do Tombo, como uma das coisas mais valiosas que lhe posso legar.

O meu relogio *thalassa* de algibeira, com os retratos rotativos da Familia Real, ficará pertencendo ao meu medico e amigo, o D.or Lourenço José Nunes.

Menciono com muitissima especialidade o quadro grande de Nossa Senhora da Conceição, a oleo, o qual comprei em 1864 no leilão do Museu do Padre Frei José Mayne. Estimo-o immenso, e já milagrosamente se manifestou em certo caso da minha vida. Será collocado na egreja parochial do Lumiar, e ficará pertencendo á Irmandade do Santissimo Sacramento.

Peço humilde perdão a quem quer que seja que eu tenha offendido voluntaria ou involuntariamente, por palavra ou por escrito; e espero que Deus Nosso Senhor tenha dó da minha alma.

Haverá mais coisas de estimação, das quaes me não lembro agora; a sua distribuição a parentes e amigos muito intimos, deixo-a ao bom criterio de Adelaide, e das pessoas que dirigirem estas disposições.

Desejo que, em podendo ser, se mande dizer muito á capucha uma Missa por Alma de meu Pae, a quem devi, pela educação e pelo exemplo,

tudo quanto fui n'este mundo; outra por minha santa Mãe; outra por meus irmãos; outra pelos meus outros parentes, antigos e modernos.

A Benção de Deus me cubra.

Lumiar, 7 de Outubro de 1913

JULIO DE CASTILHO

Visconde de Castilho

A reprodução d'este valioso documento, n'este livro, foi autorizada expressamente pelos actuaes representantes de Julio de Castilho.

M. T.

deixo-a ao bom criterio de Adelaide, e das pes-
soas que dirigirem estas disposições.

Desejo que, em podendo ser, se mande
dizer muito á capucha uma Missa por Al-
ma de meu Pae, a quem devi, pela educação e
pelo exemplo, tudo quanto fui neste mundo; ou-
tra por minha santa Mãe; outra por meus irmãos;
outra pelos meus outros parentes, antigos e modernos.

A Benção de Deus me cubra.

Lumiar, 7 de Outubro de 1913

Julio de Castilho
Visconde de Castilho

Perante mim [illegible] Luiz dos [illegible] [illegible] de Carvalho,
da Comarca de Lisboa, com Cartorio na Rua do Commercio,
no momento, primeiro andar, e as cinco testemunhas ío.

Fac-simile do final do testamento de Julio de Castilho (2.º visconde de Castilho)

Julio de Castilho

Nasceu aos 30 de Abril de 1840 (1)

e

Falleceu aos 8 de Fevereiro de 1919 (2)

---

(1) na casa que teve o n.º 58 da Calçada do Duque, em Lisboa, (demolida quando do alargamento do pateo da Escola Academica. — *Lisboa Antiga, 2.ª ed., 1.º vol., pag. 267.*

(2) na casa n.º 11 da Travessa do Prior, no Lumiar, na qual os seus amigos mandaram collocar uma lapide commemorativa, cujo descerramento se realisou no dia 30 de Abril de 1919.

INDICE